
ÂNGELA MARIA LOPES CAVALCANTI

O SUOR QUE PERCO TODO DIA, NÃO VALE NADA?
(Estudo sobre a Comercialização da Produção Familiar em
Lagoa Seca - PB)

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Sociologia da Universidade
Federal da Paraíba, Campus II, Campina
Grande - PB, como requisito para obtenção
do grau de Mestre.

ORIENTADOR: Ivandro da Costa Sales

Campina Grande - PB, maio de 1997

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

**“E O SUOR QUE PERCO TODO DIA,
NÃO VALE NADA?”**

(A COMERCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO FAMILIAR
EM LAGOA SECA - PB)

ÂNGELA MARIA LOPES CAVALCANTI

Campina Grande - PB



C376s Cavalcanti, Angela Maria Lopes
E o suor que perco todo dia, não vale nada? : a
comercialização da produção familiar em Lagoa Seca-PB /
Angela Maria Lopes Cavalcanti. - Campina Grande, 1997.
114 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade
Federal da Paraíba, Centro de Humanidades.

1. Produção Familiar - Comercialização - Lagoa Seca (PB)
2. Comercialização - Agreste Paraibano 3. Produção Familiar
- Lagoa Seca (PB) 4. Dissertação I. Sales, Ivandro da
Costa, Dr.

CDU 316.334.2(813.3)(043)

ÂNGELA MARIA LOPES CAVALCANTI

E O SUOR QUE PERCO TODO DIA, NÃO VALE NADA?
(Estudo sobre a Comercialização da Produção Familiar em
Lagoa Seca - PB)

Aprovada em ____/____/____

IVANDRO DA COSTA SALES

Orientador

Dr^a. GHISLAINE DUQUÉ

Co-Orientadora

Dr^a. MARIA BARBOSA DIAS

Examinadora

Dr. CLODOALDO BORTOLUZI

Examinador

Campina Grande - PB

Maio - 1997

SUMÁRIO

RESUMO / ABSTRACT

AGRADECIMENTOS

1ª PARTE - História da Dissertação - O Início da Viagem.....	01
1. Eu e os Agricultores.....	01
2. Eu e a Dissertação.....	04
3. Por que Lagoa Seca?.....	08
4. A Pesquisa de Campo.....	11
5. Os Personagens: debatedores e construtores da história.....	19
2ª PARTE: O Embate de Lagoa Seca.....	28
1. Nada justifica a falta de amor à natureza.....	30
2. Nós, produtores, sofremos muito.....	33
3. Na hora de vender, vendemos por um preço muito pequeno.....	35
4. Sítio? Feira? Ceasa? Tanto faz.....	39
5. Não estamos preparados para vender direto ao consumidor ou em outros mercados.....	43
6. Não levo muita fé no mercado sem o atravessador.....	46
7. E o suor que perco todo dia não vale nada?.....	51
8. Quem ganha e quem perde não sei: só sei que recebo muito pouco pelos vinte anos de agricultor.....	56
9. Cooperativa ou cooperação?.....	63

3ª PARTE: Reconquistando seu Espaço.....	69
1. Construindo o primeiro Centro do Produtor.....	73
2. Privatização do mercado e expulsão dos produtores.....	77
3. Objetivos, razões e estratégias.....	80
4. Táticas e armas dos produtores familiares.....	83
5. Construindo um novo Centro do Produtor.....	86
6. Ocupando o mercado.....	88
7. Lições da luta.....	91
8. E a luta continua.....	97
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
5. BIBLIOGRAFIA.....	108
6. ANEXOS.....	115

RESUMO

O estudo constitui-se numa análise sobre a comercialização da produção familiar, a partir de uma pesquisa desenvolvida no Agreste Paraibano, especificamente no município de Lagoa Seca.

A preocupação central foi compreender a luta que acontece no momento da comercialização. Quais as razões, objetivos, estratégias e as armas dos produtores e intermediários no processo? Que resultados econômicos, políticos e culturais estão conseguindo os diferentes atores?

A partir de então, buscou-se apontar soluções para reforçar a luta. Cooperação ou Cooperativa? De uma forma ou de outra é preciso se ter estruturas associativas sólidas e voltadas para o interesse de todos os produtores e, para isso, se faz necessário uma maior integração e participação do grupo, definindo e decidindo o que melhor lhes convêm.

A opção escolhida para apresentar estas relações foi o diálogo. A partir do material recolhido durante a pesquisa de campo e a pesquisa bibliográfica, foi possível fazer com que produtores familiares, intermediários e intelectuais acadêmicos participassem de um debate. Neste debate, procurei atuar como articuladora, provocando, contestando, confirmando e ilustrando a conversa.

Sendo assim, os produtores familiares, através do reforço das organizações com vistas à comercialização, possam ver seus esforços melhor remunerados através da venda de seus produtos.

Esta obra é dedicada a essas pessoas que são
muito importantes na minha vida:

com amor, para Hildeberto e Fafá,
meu pai, minha mãe e meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

Aqueles que me ofertaram as suas histórias de vida, colocando a sua sabedoria a minha disposição, meu fraterno carinho.

A Ivandro Sales, orientador, amigo, cúmplice e companheiro, cuja participação foi fundamental em todas as etapas de realização desta dissertação; proporcionando-me uma orientação estimulante e incentivadora.

Aos colegas de mestrado, Justino, Jackeline, Gil, Maurino, Lucira, Dalva, Silvana, João Nunes e Roberto. Em especial a Mônica e Luís Henrique, pela compreensão, apoio, estímulo e acima de tudo pela amizade.

A João Batista Guedes, que muito me ajudou na parte visual da dissertação, com bastante experiência na área.

A todos os professores do Mestrado em Sociologia Rural, pela oportunidade proporcionada em compreender a Sociologia Rural através de discussões ricas e estimulantes.

À professora Ghislaine Duqué pelo apoio e a troca de experiência de pesquisa.

A Vera e João, funcionários do Mestrado, pela presteza e disponibilidade permanentes. A Rinaldo, que digitou dezenas de vezes este material, sempre disposto e competente, na sua forma serena e silenciosa.

À CAPES, pela bolsa de estudos que me subsidiou com recursos para a realização deste trabalho.

Às instituições e pessoas que, colaboraram na pesquisa: EMATER, IBGE, EMPASA, EMEPA, JORNAL DA PARAÍBA, SINDICATO DOS

TRABALHADORES RURAIS DE LAGOA SECA e PÓLO SINDICAL DO AGRESTE
DA BORBOREMA.

A Maria Barbosa Dias e Clodoaldo Bortoluzi, membros da banca
examinadora, pelos comentários, críticas e sugestões.

1ª. PARTE

A História da Dissertação

O início da viagem:

1. Eu e os agricultores

Este acervo de idéias e recortes tem sua pequena história. Começou a ser pensado ao longo dos vários anos que passei como técnica da Central de Abastecimento da Paraíba (CEASA), hoje EMPASA¹, participando de reuniões de mobilização, juntamente com agentes comunitários do PAPP², bem como fazendo assessoria sobre comercialização às Associações de Pequenos Produtores Rurais do Brejo Paraibano.

Na minha memória ficaram gravados muitos momentos vividos e revividos, gerando deste modo bastante inquietude e incitando-me a concentrar estudos sobre a produção familiar. Somando-se a isso, o interesse pelo assunto foi influenciado pelas minhas origens de sertaneja, e país rurícolas e, principalmente por acreditar que o meio rural é o ar que respiramos, é a brisa leve com que nos deliciamos, inverno, verão, fartura, frustração, contrição. *É vida. É a arte de se empobrecer e viver alegremente.*

¹ EMPASA - Empresa Paraibana de Abastecimento e Serviços Agrícolas.

² PAPP-Programa de Apoio ao Pequeno Produtor Rural - financiado pelo Banco Mundial - essas reuniões de mobilização tinha a finalidade de convocar a comunidade para formar associações com o objetivo de obter algum tipo de benefício para a comunidade. Ex.: casa de farinha, frigorífico etc.

A motivação pessoal é, portanto, fruto de minha história de vida. É resultante de uma caminhada de sete anos, com pequenos produtores num pequeno recanto do sertão/brejo paraibano, dentro de um universo chamado Brasil, ***“guardando recordações das terras onde passei, andando pelos sertões, e dos amigos que lá deixei... Seca, inverno, poeira e carvão”***³.

Como qualifico o meu relacionamento com os pequenos produtores de amoroso e já que é uma ligação afetiva de vários anos, não posso deixar de fazer uma retrospectiva de como começou essa relação de cumplicidade com o grupo social estudado.

Caminhei lado a lado com esses produtores, tropeçando a cada obstáculo e levantando a bandeira de luta a cada vitória. Produtores “marcados para morrer” pelo desenvolvimento capitalista, mas fortes que nem uma baraúna para enfrentar o seu mundo e dizer não à “morte”, a injustiça. ***“Só resisti porque nasci num pé de serra e, quem vem da minha terra, resistência é profissão e nordestino é madeira de dá em doido que a vida enverga e não consegue quebrar não”***⁴.

Sobrevivi e estou aqui contando a história e voltando à academia para, juntos, trabalhadores, autora da dissertação e estudiosos - tendo um conhecimento mais aprofundado da situação - dizer não à essa política agrícola excludente que perdura por muitos anos; dizer não à essa estrutura fundiária arcaica vigente e a

³ Luiz Gonzaga - “Rei do Baião” - “A Vida do Viajante” (Luiz Gonzaga e Hervê Cordovil) - 1979.

⁴ Flávio José - “Avoante” (Flávio José e Alciolly Neto) - Gravadora LBC - 1994.

tudo que impede ao pequeno produtor de aumentar a sua produção e comercializá-la, obtendo dessa forma melhor renda familiar.

A partir deste ponto, começo a reunir todas as peças, com um objetivo maior que é colaborar para o reforço e o aperfeiçoamento da organização dos produtores familiares, com vistas à comercialização, para que eles possam ver seus esforços melhor remunerados através da venda de seus produtos.

Confesso que sempre me senti motivada a contribuir com as Associações de Produtores Familiares, Cooperativas e Sindicatos; contudo minha intenção era a de colaborar com esses grupos sociais não como técnica de uma instituição do Governo, mas sim, como estudante, pesquisadora, aliada independente. Sentia uma vontade imensa de ver os pequenos produtores organizados na comercialização e poder estar presente em cada momento de acertos e vitórias.

"(...) Trata-se de pensar e construir, coletivamente, um novo projeto de sociedade, começando a criar, desde agora, alternativas concretas de vida social".

(B. COSTA ; 1989, p. 9-10)

2. Eu e a Dissertação

As minhas relações com a dissertação, durante o processo de montagem, foram um pouco inseguras, devido ao desânimo que me abateu, principalmente por ter dificuldade em estabelecer a ponta do fio condutor deste trabalho, como também dialogar com os autores acadêmicos com a mesma familiaridade com que dialogo com os produtores; além de ter a sensação de que tudo que escrevia não se enquadrava na forma sistematizada de escrita acadêmica.

Por fim, acabou prevalecendo a enorme vontade de dar um retorno a todos os produtores que me incentivaram a buscar na produção/pesquisa acadêmica subsídios para tentar minimizar os entraves na comercialização da produção familiar, numa troca de conhecimentos, que contribui para o crescimento do grupo que deseja ver seus direitos e interesses afirmados.

Para a elaboração do projeto de pesquisa, além das leituras teóricas, realizei entrevistas e consultei relatórios dos técnicos da EMPASA e todo material que possuía das atividades de campo que amalhei no período em que passei, trabalhando como técnica da EMPASA, com as associações de produtores, cooperativas e sindicatos.

A princípio pensei que o tema estava bem trabalhado na minha cabeça. A ansiedade em colaborar com os pequenos produtores fez com que eu me voltasse para a organização da pequena produção. Nas discussões e conversas

com o orientador, desisti de estudar a organização em geral para aprofundar a organização para a comercialização.

Finalmente cumpri as exigências do mestrado, apresentando o projeto de dissertação para uma banca de quatro professores, ficando surpresa com as relevantes contribuições que foram dadas.

Gostaria de citar, neste momento, algumas das colocações feitas pela banca examinadora do projeto, que considerei bastante significativas:

"Você escreve muito interessante... é gostoso ler o seu projeto."

"Seu trabalho vai ajudar bastante ao sindicato - uma discussão com eles para descobrir suas estratégias e a dos intermediários na comercialização."

"Seu trabalho será importante, pois você conhece bastante a comercialização. É interessante desenvolver a pesquisa no local que já trabalhou."

"É algo bem definido e novo; pois temos pouca literatura sobre a comercialização da pequena produção com perspectivas inovadoras."

"Você precisa fazer algo que goste muito... nem que para isso seja preciso escrever e reescrever várias vezes."

"Neste momento a grande questão é o entendimento e a transformação da realidade, ou seja, o entendimento e aperfeiçoamento da organização dos produtores. Aí se dá a relação do conhecimento com a transformação da realidade."

Acabei por fixar minha pesquisa na luta que acontece no momento da comercialização; de um lado o produtor querendo fazer valer o trabalho e de outro o intermediário querendo fazer valer o lucro sobre o trabalho do produtor. Quais os

objetivos, estratégias, táticas, armas e o resultado da luta de cada agente no processo de comercialização?

Algo que exercitei com bastante clareza foi o meu poder e a minha escolha de dar a palavra a todos os meus entrevistados, permitindo que o saber popular fosse refletido e respeitado numa troca de experiências entre eruditos e populares.

À medida que a dissertação toma forma, apresento, contesto, enriqueço e ilustro, para chegar a um produto que é algo de que realmente gostei e me deu prazer. Há de se reconhecer que a minha proposta de análise só é possível através de um trabalho que esboce uma visão transformadora, colaborando para o surgimento de uma consciência crítica de todos que vivenciam o processo sócio-econômico e político, para que, a partir de então, cada um possa assumir, com clareza, seu papel de protagonista e ator social.

(...) Descobrir, inventar, reforçar novas e mais formas de produzir e de viver. Em vez de produzir mercadorias para o mercado para obter lucro gerado pelo trabalho não pago, criaremos um modo de produzir bens e serviço para a sociedade. Ser trabalhador e não força de trabalho. Buscar, descobrir, aprofundar, generalizar experiências que já tragam em si mais vida e mais beleza. (SALES, 1994;10).

Espero que as minhas reflexões e discussões possam colaborar com o debate acadêmico, além de subsidiar, sem muitas pretensões, as ações dos grupos sociais que talvez possam alterar as políticas sociais.

Todavia, tenho o desejo de escrever um trabalho que seja de fácil compreensão a todas as pessoas ou estudantes que não têm conhecimento do assunto; colaborando também com estudiosos que trazem consigo a mesma preocupação com a problemática .

3. Por que Lagoa Seca?

A princípio pensei em desenvolver minha pesquisa na microregião da Serra de Teixeira, especificamente em Princesa Isabel, dando atenção especial aos “Mecanismos de Comercialização do Milho e Feijão”, já que a região é grande produtora destas culturas de sequeiro, como também pela experiência que tive na área durante alguns anos como técnica do Projeto Sertanejo⁵.

Todavia, ao me adentrar na problemática, senti a necessidade de recorrer a outras experiências mais recentes, e como estas experiências foram concentradas no Brejo Paraibano, e mais especificamente em Lagoa Seca, optei por este município.

“O município de Lagoa Seca está localizado na microregião de Campina Grande que faz parte da microregião do Agreste da Borborema. O município conta com uma população total de 21.659 habitantes, distribuídos em uma área de 133 Km². A estrutura fundiária do município é predominantemente constituída por minifúndio⁶.”

Esta microregião é constituída por uma ampla dimensão geográfica, com uma diversidade climática e sócio-econômica bastante acentuada. “*Verificam-*

⁵ PROJETO SERTANEJO: Programa Especial de Apoio à Região Semi-Árida do Nordeste. Convênio SUDENE/Estado da Paraíba / Secretaria da Agricultura e Abastecimento.

⁶ Conforme critério de classificação geo-econômica do IBGE (1989). A microregião de Campina Grande é uma sub-divisão do Agreste Paraibano. A microregião de Campina Grande é composta pelos respectivos municípios: Campina Grande, Fagundes, Lagoa Seca, Massaranduba, Puxinanã, Queimadas e Serra Redonda. (Cf. IBGE - Boletim de Serviço N.º 1763 (suplemento de 31.07.89).

se também áreas cuja concentração predominante é a de pequenos produtores, sendo que a produção agrícola especializa-se em produtos para o mercado interno (hortifrutigranjeiros). Esta pequena produção especializada está concentrada nas microregiões de Esperança, Campina Grande e parte do Brejo Paraibano. Contudo, nessa microregião são engendradas relações sociais e de produção que se inserem na dicotomia minifúndio/latifúndio, que, historicamente, tem sido a gênese de conflitos no campo, além das contradições internas comuns a complexidade da pequena produção. Em decorrência desse processo, vamos encontrar nessa microregião, um tipo especializado na produção de hortifrutigranjeiros cuja produção destina-se ao abastecimento dos mercados local, estadual e regional.” (FREITAS - 1993;70)

Uma das razões da escolha pela área a ser estudada foi o movimento que acontecia no Brejo Paraibano pela reconquista do espaço perdido pelos produtores no MEPRO (Mercado do Produtor)/CEASA/EMPASA/Campina Grande; impasse travado com a direção da CEASA/EMPASA, atacadistas, intermediários e atravessadores. Esse fato veio reafirmar a minha decisão em direcionar o meu estudo para a região de Lagoa Seca. Contudo, a escolha só foi possível depois de participar de algumas reuniões no Sindicato de Lagoa Seca e diálogos com seus representantes e com o meu orientador, Ivandro da Costa Sales. A partir de Lagoa Seca estabeleço um diálogo com intelectuais populares e acadêmicos, bem como com outros clássicos que estudam a produção familiar em seus diversos aspectos. Com a definição da área a ser estudada, comecei a participar mais ativamente das reuniões do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca, como também em algumas comunidades do município.

Suponho que o desenvolvimento da luta em Lagoa Seca pode oferecer subsídios para entender a luta mais geral dos produtores na hora da comercialização de seus produtos.

4. A Pesquisa de Campo

Nosso campo de pesquisa tem como base empírica a comercialização da produção familiar em Lagoa Seca, envolvendo produtores familiares e intermediários, em dois espaços: o rural e o urbano. O rural: a comercialização feita na zona de produção no município de Lagoa Seca. O urbano: na EMPASA/Campina Grande - o mercado, ponto de encontro entre vendedores e compradores, com objetivos econômicos de realização e apropriação do valor embutido nos produtos da agricultura familiar de Lagoa Seca. *“Não podemos pensar o mercado e comercialização sem nos darmos conta de que tudo gira em função do econômico”*. (BRUM, 1983; 07)

Lagoa Seca, município contemplado para realizar a pesquisa de dissertação de mestrado, está apenas a 09 Km de Campina Grande, de forma que não tive muita dificuldade em me deslocar para lá. Só que na metade da minha pesquisa ocorreram fortes chuvas na região, ficando as estradas vicinais um pouco deterioradas. E como a maior parte do meu deslocamento foi feita de moto, em um terreno bastante argiloso, fiquei impossibilitada de continuar as entrevistas, sendo necessário um pequeno recesso, retornando em seguida ao município, desta vez para complementar alguns dados e concluir a fase das entrevistas.

A pesquisa de campo teve assim duas etapas: a primeira durou 15 semanas, de abril a junho de 1996, e a segunda, de agosto a setembro de 1996,

dedicada à observação mais detalhada do processo de comercialização de três produtores.

O deslocamento era algo bastante agradável para mim, apesar de ficar um pouco tensa, já que o transporte não me inspirava muita confiança, pois era uma moto. Em contrapartida a paisagem era bonita de se ver. À proporção que a moto começava a desenvolver a velocidade normal do transcurso, tinha a oportunidade de admirar aquele mato verde e as pequenas plantações de hortaliças. O ar puro me enchia os pulmões e até mesmo a alma de uma imensa serenidade. É como se algo bastante saudável fosse aos poucos penetrando todo o meu ser. O cheiro da terra molhada me fazia esquecer todos os temores. O sol e o vento tocavam meu rosto com bastante suavidade e carícia.

Ao longo de todo o mestrado, estive sempre em contato com os produtores que trazem seus produtos para comercializar na EMPASA (antiga CEASA), principalmente os oriundos de Lagoa Seca, que têm uma presença mais freqüente no mercado produtor. Particpei ainda de várias reuniões no Sindicato dos Trabalhadores Rurais / Lagoa Seca. Aqui cabe, pois, o meu agradecimento a Nelson Anacleto - Presidente do Sindicato - e aos demais membros da Diretoria. Destaque especial deve ser dado a Severino Moura Maciel, que nos prestou uma ajuda substancial em todos os aspectos da pesquisa, como companheiro de deslocamento, piloto da moto e guia para todas as comunidades.

Para me acompanhar, tanto na área de produção, como no mercado (EMPASA), fez-se necessário uma pessoa que conhecesse bem a área, como

encontro convidá-lo para conversar, em algumas oportunidades até debaixo de um pé de árvore, saboreando frutas da época. Foi o que aconteceu com a entrevista de um dos narradores da minha dissertação, a quem denominei de “filósofo rural” - Sr. José Leal.

Sentamos por algumas horas nos degraus de uma calçada, em uma sombra refrescante, com um aroma bastante agradável, que exalava de um pequeno jardim com flores do campo localizado bem a nossa frente. Ali aconteceu um diálogo maravilhoso, que prefiro denominar desta forma, e não de uma entrevista formal.

As entrevistas realizadas na EMPASA foram um pouco complicadas, devido ao curto tempo de permanência dos produtores no mercado, porque o diálogo foi muitas vezes interrompido por um comprador ou um orientador de mercado da EMPASA. E, no meio da conversa, tínhamos que interromper para retomá-la depois. Algumas vezes eu perdia o fio condutor da conversa, ficando assim sem uma seqüência lógica. O mesmo aconteceu com muitos dos intermediários, atacadistas e atravessadores e, principalmente, os caminhoneiros que ali freqüentam.

Para o desenvolvimento da análise deste documento foram utilizadas informações de 26 entrevistas; 10 delas com os produtores familiares e 16 com agentes de comercialização, sendo 05 atacadistas, 2 atravessadores, 3 intermediários permanentes, 5 intermediários não-permanentes e 1 feirante. Para a realização deste trabalho, contudo, estabelecemos contato com 50 informantes:

produtores, comerciantes, técnicos da EMPASA, EMATER e pesquisadores que nos deram uma colaboração substancial.

Outros contatos estabelecidos secundariamente, mesmo não convertidos em pesquisa, foram relevantes como ponto de referência, tanto do ponto de vista comparativo ao material obtido sobre a luta no momento da comercialização, como pelo contato do processo que me propus a estudar.

As primeiras informações foram colhidas através dos dirigentes do Sindicato, produtores em sua maioria, que efetuam sua própria comercialização na EMPASA ou zona de produção. Os contatos foram feitos diretamente na comunidade ou no Sindicato. Esses primeiros contatos foram essenciais, tanto do ponto de vista do conhecimento da área, como do objeto de estudo.

Colhi as informações previstas através de questionários não estruturados, ou seja, contendo dados pessoais dos informantes como idade, escolaridade etc., e um roteiro comum para todos os entrevistados com questões voltadas para o objeto de estudo. Assim, a mesma história foi contada por vários informantes, se complementando em alguns momentos ou se contrapondo em outros.

Um instrumento bastante utilizado foi a observação participante, principalmente do processo de comercialização, que tive a oportunidade de acompanhar tanto na área de produção como na EMPASA e Feira Central (nesta com menor frequência). Dos agentes selecionados, acompanhei a comercialização

de três produtores, sendo possível obter uma amostra bastante diversificada. Portanto, no meu caso, a observação participante do processo de comercialização da produção familiar foi essencial, mais do que qualquer outro instrumento para a obtenção das informações necessárias.

Nas entrevistas, em primeiro lugar, abordei alguns aspectos econômicos do processo de comercialização da produção familiar, como preços, fluxos, oferta e mercados alternativos. Todavia, bastante ênfase foram dadas às razões e estratégias utilizadas no processo e à discussão da importância estruturação das formas de organização dos produtores para a comercialização.

Escolhi os produtores, intermediários e atravessadores de situações culturais e econômicas diferenciadas, que foram selecionados por mim dentre os que me pareceram como bons narradores dos aspectos que estavam sendo observados.

As entrevistas foram gravadas e transcritas todas. Outras informações e observações anotei no diário de campo. Utilizei um recurso visual e assim documentei, através de fotografias e filmagem a comercialização feita na CEASA, num dia de pico, às 4:00hs da manhã.

Decidi organizar todas estas informações na forma de um diálogo entre intelectuais populares, intelectuais acadêmicos e a autora da dissertação. Organizei, portanto, um confronto entre as minhas concepções e as desses outros intelectuais. Nessa ótica, tive o cuidado de respeitar as pessoas em todas as suas

utopias, incentivando-as a ser mais confiantes e menos ansiosas, deixando aparecer seus interesses, paixões, símbolos, dificuldades, sonhos, análises das situações e sugestões para melhor consecução de seus objetivos.

Neste momento, quero esclarecer que os produtores, os atacadistas e os intermediários tiveram uma participação no trabalho, não apenas como meros informantes, mas, sobretudo, como debatedores de seus objetivos e de todo o processo de comercialização da produção familiar. Todavia, sendo a comercialização um contexto de luta, estive atenta às versões que cada um faz do processo.

Os intelectuais acadêmicos não foram “camisas de força” no debate. Estiveram presentes como interlocutores dos mesmos aspectos debatidos pelos produtores, atacadistas e intermediários.

À proporção que fui realizando as entrevistas, percebi que aquele momento vivido estava me proporcionando um grande crescimento pessoal, uma oportunidade de adquirir novos conhecimentos e com base nessas entrevistas poder gerar novas curiosidades, e ainda poder confrontar as minhas experiências de técnico/pesquisadora com as dos produtores e intelectuais acadêmicos. Como resultado desse esforço vejo a possibilidade de avaliar e redirecionar a minha própria posição, percebendo por outro ângulo o saber e a própria ciência.

Gostaria de citar uma interpretação de Roberto Machado sobre o pensamento de Nietzsche, quando este fez uma crítica à universalidade e a objetividade do conhecimento.

“Conhecer não é explicar, é interpretar. Mas é uma ingenuidade pensar que uma única interpretação do mundo seja legítima. Não há interpretação justa, não há um único sentido. A vida implica uma infinidade de interpretações, todas elas realizadas de uma perspectiva particular. Posição que tem a vantagem de reconhecer que hoje estamos longe da imodéstia de decretar a partir de nosso ângulo que só são válidas as perspectivas a partir desse ângulo.” (MACHADO, 1985; 107).

5. As personagens: debatedores e construtores da história...

...Seremos ainda cientistas se nos desligarmos da multidão?
Bertold Brecht
(Vida de Galiteu)

Selecionei como informantes aqueles agentes que fazem parte da cadeia de comercialização da produção familiar da área estudada, ou seja, de Lagoa Seca:

- produtores familiares que comercializam seus produtos diretamente na área de produção.
- produtores familiares que comercializam seus produtos na EMPASA/Campina Grande.
- intermediários permanentes e não-permanentes na EMPASA/Campina Grande.
- atravessadores (siri, raposa, caloteiros).
- atacadistas estabelecidos na EMPASA/Campina Grande⁷.

O primeiro elo de informantes são os produtores familiares que exploram uma pequena área que varia de 3,00 a 8,00 hectares. Ali plantam feijão, milho, mandioca, e principalmente, horticultura (uma cultura comercial). Devido à pequena extensão da área e a escassez de recursos hídricos, estão

⁷ Permanentes: fixados em áreas abertas e pagam semanalmente o espaço que ocupam em m². Não-permanentes: fixados em áreas livres e pagam diariamente em m² o espaço que ocupam (classificação feita pela EMPASA/Paraíba).

impossibilitados de aumentar a área plantada para colocar seus produtos no mercado o ano inteiro.

A mão-de-obra é preponderantemente familiar. Em alguns casos, os filhos casam e continuam residindo na mesma área explorada. Outros, ao atingir a maioridade, migram para a região sudeste do país, na esperança do tão sonhado "mundo maravilhoso" - São Paulo. Na maioria das famílias entrevistadas, verifiquei que o êxodo rural é uma constante, sendo inclusive um dos motivos de muitos produtores efetivarem a comercialização na zona de produção, pois necessitam permanecer na "roça", já que o trabalho demanda um maior dispêndio de tempo.

Os pais que permanecem no campo sentem-se prejudicados com a ausência dos filhos, já que é impossível pagar mão-de-obra. Mas o sonho do regresso à terra natal está presente na vida dos migrantes. Constatei que no ano de chuva intensa o fluxo de pessoas que retornam para a área é significativo. Desta forma, instaura-se o processo de ida e volta destes trabalhadores, na busca incessante por dias melhores, como os pássaros que buscam no infinito o prazer de voar mais e mais alto. Assim são os vôos dos nordestinos.

Assim, por conseguinte, "a pequena produção vivencia um processo de expropriação de seus meios de produção e ao mesmo tempo se pauperiza para garantir a sobrevivência da família. O pequeno produtor tem que utilizar diferentes estratégias, tais como assalariamento, em fazendas próximas e pequenos comércios. Destacamos a migração de alguns membros da família, principalmente

os jovens, como forma de garantir a sobrevivência do conjunto dos membros, os que ficam e os que partem.” (MENEZES, 1994;35)

A comercialização dos produtores familiares na área de produção é feita diretamente a intermediários - caminhoneiros que fazem a comercialização sobre rodas - ou a outros pequenos intermediários que compram e levam para a EMPASA.

A comercialização dos produtores familiares na EMPASA é feita no mercado do produtor diretamente a intermediários, feirantes (do município e de outras regiões do Estado) e atravessadores. Pagam uma taxa de R\$ 2,00 da nota de entrada de mercadoria e R\$ 1,00 o m² que ocupam diariamente, além do pernoite caso não seja vendida toda a mercadoria. Alugam um carro dois ou mais produtores e levam seus produtos para EMPASA, Campina Grande. Os preços são definidos no mercado e o pagamento é feito no ato da venda.

Vale ressaltar que o sistema de comercialização dos produtores familiares na área em estudo não envolve, em proporção significativa, o comprometimento antecipado da produção ao intermediário. Há casos de empréstimo de pequenas quantias, para suprir as primeiras necessidades do produtor como: remédio, alimentação etc., em virtude do vínculo ser baseado no lado afetivo e moral.

O segundo elo de informantes são os intermediários, atravessadores e atacadistas.

Os intermediários permanentes na EMPASA são os agentes que ocupam áreas abertas ou fechadas. Muitos colocam os produtos no chão, ou sobre estrados, e pagam em m² o espaço que ocupam semanalmente, de modo que se a mercadoria não for toda comercializada, pagam também o pernoite. Nessa taxa estão incluídas também limpeza e segurança do local.

Os produtores fazem uma pequena diferenciação entre as duas categorias, intermediário e atravessador. O intermediário é quem compra o produto na área de produção ou na EMPASA e o leva para o mercado para abastecer feirantes ou para a venda direta ao consumidor. Já o atravessador é aquele agente que compra do produtor no próprio mercado e vende para um outro agente. Compra do produtor sempre no momento que a oferta está maior no mercado. Compra também dos intermediários e repassa para os feirantes ou outro atravessador, atuando desta forma apenas na especulação.

Esses agentes adquirem os seus produtos no próprio Estado ou em outros Estados do Nordeste, como: Bahia, Ceará e Rio Grande do Norte etc. Compram os produtos de pequenos e médios produtores, vão diretamente à área de produção ou compram de um outro agente via telefone. O pagamento é efetuado parte no ato da compra e parte depois ou pelo sistema de cheque pré-datado. Alguns desses agentes eram produtores que começaram adquirindo produtos dos outros produtores e se estabeleceram na EMPASA e hoje são intermediários. Os intermediários permanentes vendem seus produtos para feirantes de Campina Grande e interior do Estado, como também para grandes redes de restaurantes, hotéis e lanchonetes.

Os intermediários não-permanentes pagam diariamente a área que ocupam na EMPASA por m², que é denominada de "pedra" no valor de R\$ 1,00. Muitos desses agentes são temporários na EMPASA e se instalam no mercado em área destinada ao produtor, que se ausenta do mercado.

O produto é adquirido por esses agentes no próprio mercado. Quando o produtor chega, eles compram do produtor e vendem no mesmo mercado a pequenos feirantes ou atravessadores ou mesmo levam para a Feira Central onde vendem direto ao consumidor final.

Os caminhoneiros são os agentes que fazem a comercialização sobre rodas e canalizam os produtos para mais de um centro de abastecimento e geralmente vendem apenas um tipo de produto, dependendo da safra. Repassam os produtos aos feirantes e a outros intermediários permanentes em áreas livres da EMPASA, além de abastecer hotéis, restaurantes e também pagam uma taxa pela área que ocupam.

O sistema funciona da seguinte forma: esses agentes adquirem chuchu em Lagoa Seca diretamente na área de produção, percorrem os sítios à procura de produtos - alguns já têm fornecedores certos - e levam para Sergipe ou Ceará. Na CEASA, colocam o caminhão no mercado em pontos estratégicos ou entregam a outros agentes de comercialização - o contato é estabelecido anteriormente via telefone. Trazem de volta laranja ou outro produto que a oferta esteja baixa no mercado: esse fluxo é feito mais de uma vez por semana.

Os atravessadores recebem as mais variadas denominações, como siri, raposa, rato, caloteiros e marreteiros. Muitos deles são temporários na EMPASA, mudam constantemente de mercado e acumulam dívidas, já que são descapitalizados. São pessoas simples, em sua maioria oriundas da zona rural ou das cidades circunvizinhas. Começaram a trabalhar na EMPASA como ajudantes e tornaram-se comerciantes. Além do mais, chegam a se instalar no mercado em área destinada ao produtor. Os produtos são adquiridos por esses agentes no mercado do produtor e vendidos para pequenos feirantes ou levados para a Feira Central, Feira da Prata ou feiras das cidades circunvizinhas e vendidos direto ao consumidor final.

Antônio de Pádua (produtor) cita exemplos desses agentes: *“raposa fica esperando que a oferta cresça no mercado, então ele coloca um preço bem abaixo do que todos estão vendendo, e o produtor, na pressa para voltar, acaba dando tudo de graça. O raposa dá um bote e leva o produto. Marreteiro - esse agente compra tudo, mas nada paga... nem promessa, e marreta o produtor toda hora. O rato - esse compra, e se tiver brecha, leva tudo, tem que ficar de olho na balança. O caloteiro - esse é parecido um pouco com o marreteiro. Ele dá calote, mas não marreta o produtor.”*

O siri geralmente espera o produtor na entrada da EMPASA ou mesmo no mercado e logo anuncia que o preço hoje está baixo, porque tem produto demais. Logo em seguida, coloca o preço que não condiz com a realidade e sequer cobre os custos da produção, e acaba por convencer os produtores. Essa gente é bastante ágil.

O quarto elo de informantes são os atacadistas. Alguns deles estão estabelecidos na EMPASA há vários anos, praticamente desde sua fundação. Conhecem bem o mercado, ocupam lojas que vão de 45 a 50 m² (pagam a taxa mensal de aluguel cobrada no valor de 2,00 reais por m², estando incluído aí limpeza e segurança). Alguns chegaram na EMPASA como balaieiros, ajudantes ou pequenos intermediários e se estabeleceram. Hoje são grandes atacadistas do ramo de hortifrutos. Adquirem seus produtos a grandes e médios produtores, cooperativas do Nordeste, Sudeste e Sul. Abastecem supermercados locais (Boa Esperança, Barateiro), como também regionais. Vendem ainda para grandes feirantes do interior do Estado que se abastecem em Campina Grande, principalmente do Sertão (Pombal, São José de Piranhas, Catolé do Rocha etc.).

As lojas funcionam normalmente de segunda à sexta-feira, no horário de 4:00 às 12:00 horas. O recebimento da mercadoria acontece no final da tarde ou pela madrugada e toda mercadoria que entra para o atacadista paga um valor de 2,00 reais por automóvel.

Os negócios, em sua maioria, são realizados à distância, via telefone convencional ou celular. Alguns comerciantes utilizam fax e até mesmo computador, outros preferem financiar um outro agente que se desloca até a zona de produção para efetuarem a comercialização. Compram dos pequenos produtores apenas no momento que a oferta de seus fornecedores (grandes e médios produtores) está baixa, em consequência das pragas ou de outros fatores climáticos.

A relação dos produtores com os atacadistas, conforme constatei, é considerada boa, já que quase não se cruzam no mercado. Esses agentes permanecem a maior parte do período de comercialização quase exclusivamente nas lojas, principalmente nos dias de pico, quarta e quinta-feira, das 4:00 às 11:00 horas.

Nesse leque da estrutura de comercialização, os intermediários são os principais personagens, já que ocupam uma importância mais significativa na relação com os agricultores. Todavia, essa relação está ligada ao fato do envolvimento pessoal, que foi estabelecido pelo próprio mercado ou de uma relação de compadrio, por serem do mesmo município. É preciso acrescentar que essa relação é capaz de camuflar a exploração sobre os produtores nas respectivas transações comerciais.

Foram, portanto, essas categorias que selecionei para serem meus informantes. Tive o cuidado em fazer uma seleção bem diversa, levando em consideração as diferentes formas pelas quais se inserem no processo de comercialização.

Eu e os agricultores



Com produtores na sede da Associação do Engenho Geraldo, após reunião de orientação de mercado. Alagoa Nova - PB (1987).



Eu e a dissertação

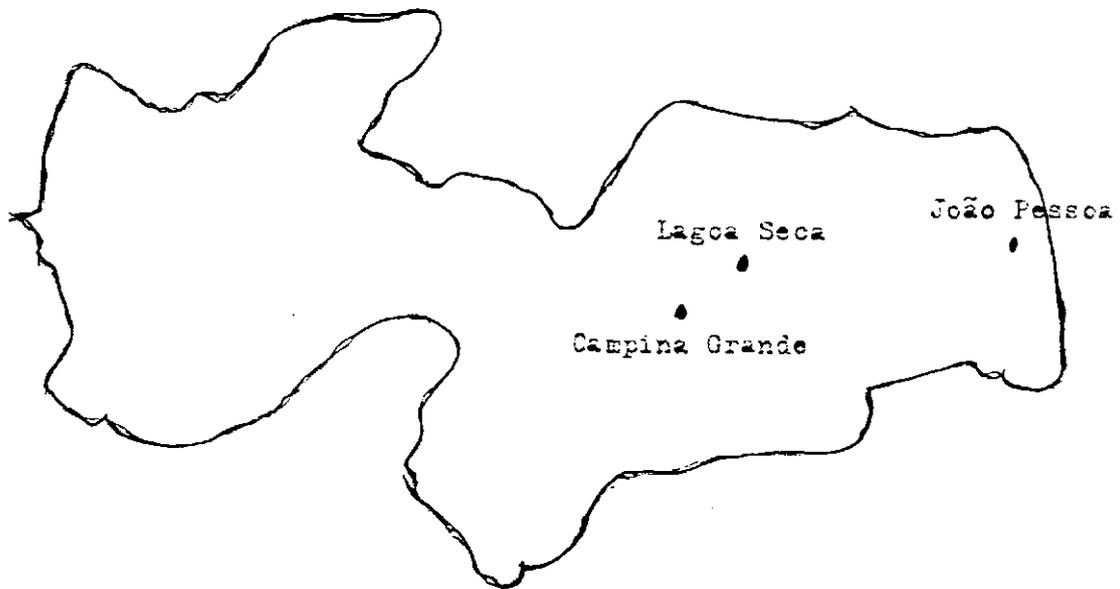


Discutindo a dissertação com o orientador Ivandro Sales.
(1987)



Escrevendo a dissertação.

Por que Lagoa Seca?



Mapa do Estado da Paraíba focalizando João Pessoa, Campina Grande e Lagoa Seca.



Foto da cidade de Lagoa Seca.

A pesquisa de campo

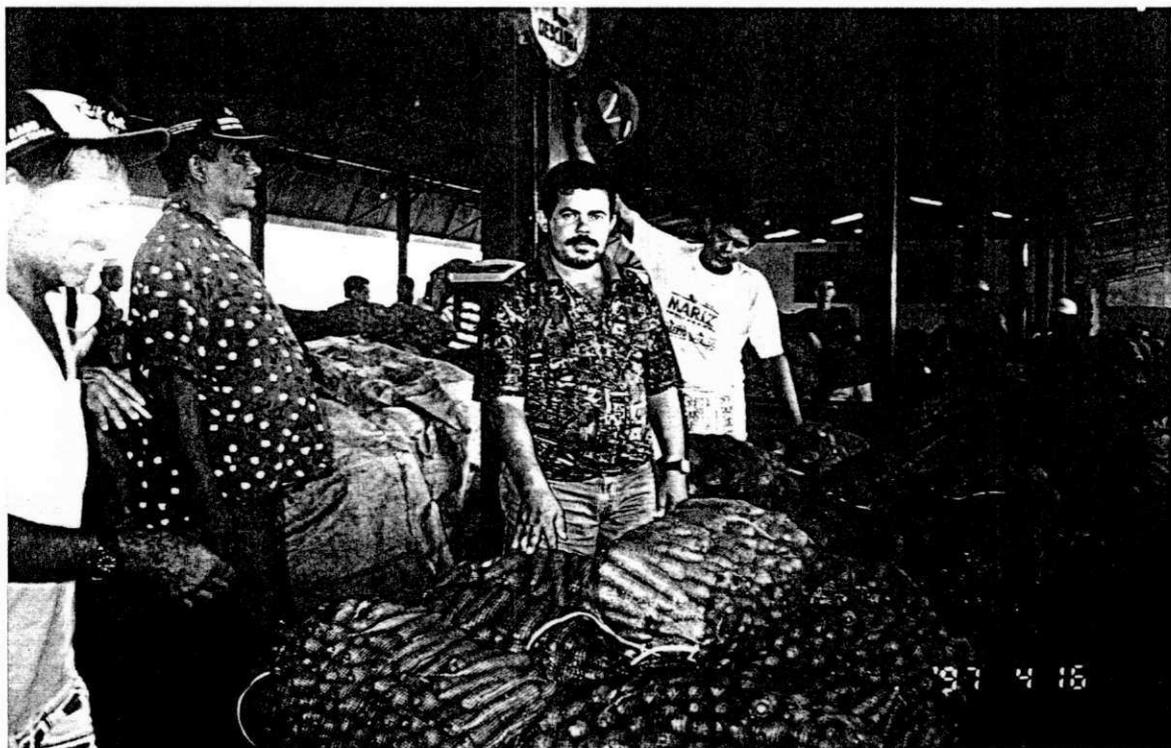


Com o companheiro de deslocamento e pesquisa, Severino Maciel (1986).

Os personagens: debatedores e construtores da história.



Produtores rurais.



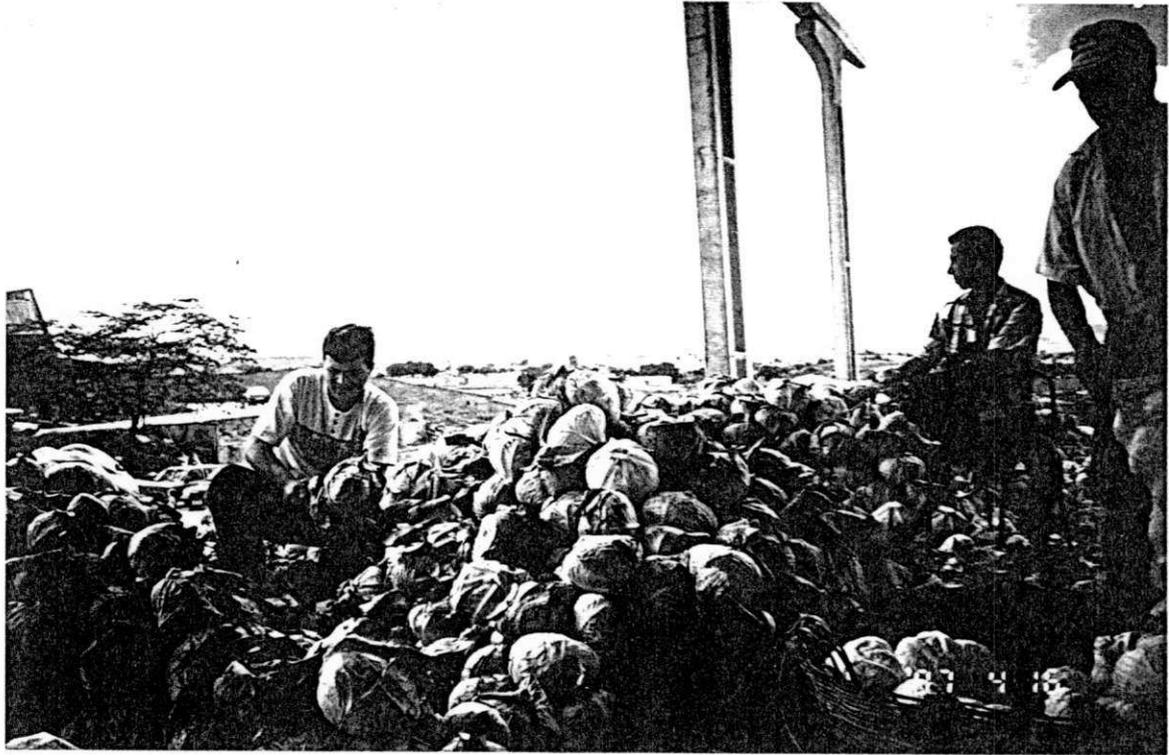
Atacadistas (EMPASA).



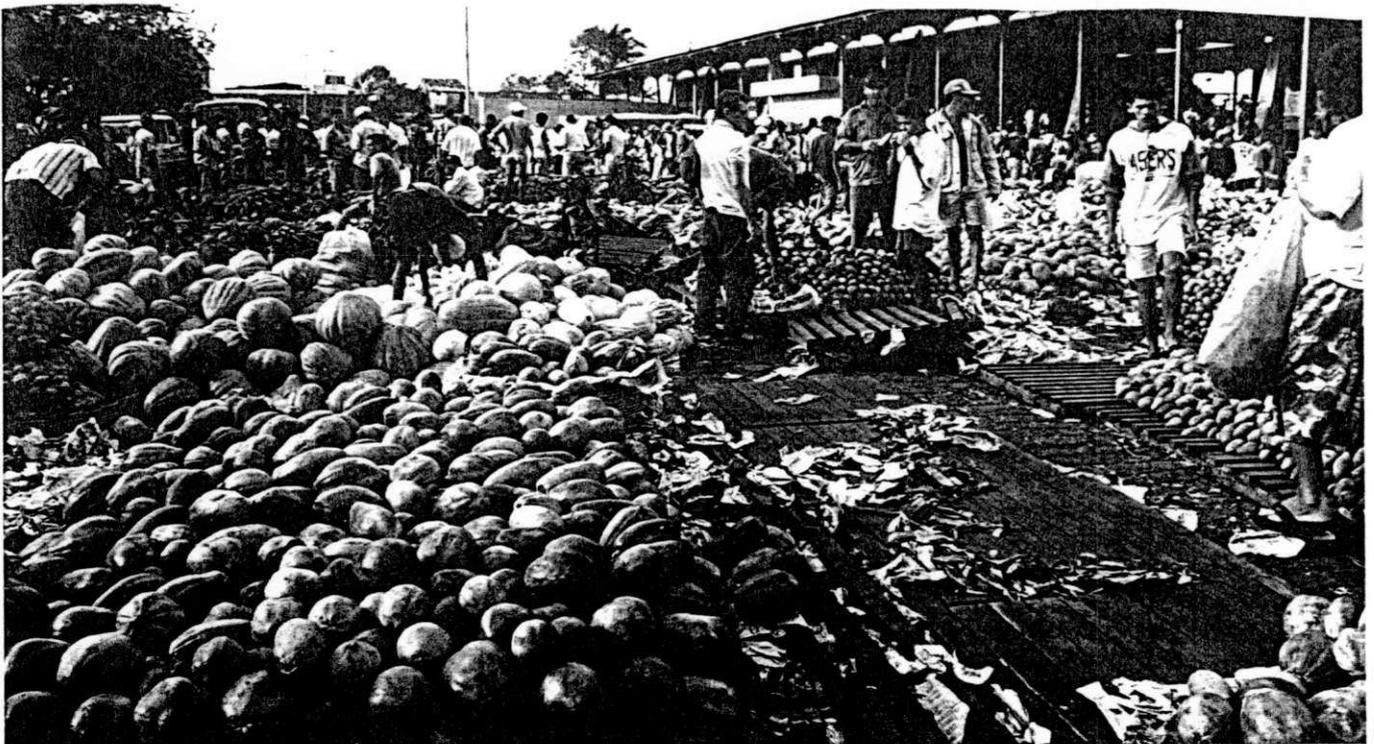
Caminhoneiros (que fazem a comercialização sobre rodas).



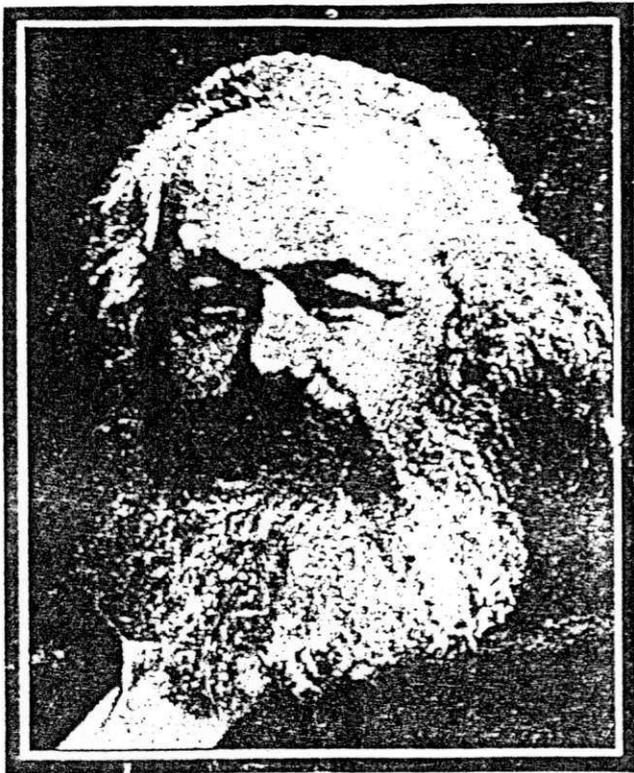
Feirantes



Atravessadores



Intermediários



MARX



GRAMSCI



FOUCAULT



NIETZSCHE

Autores Acadêmicos Clássicos

“...O ser humano é muito mais que um produtor de bens e mercadorias. É um criador de sonhos e utopias, urge criar as condições que libertem o poeta que existe em cada um de nós, trabalhadores. Uma revolução permanente no campo da cultura. Somente assim, ao integrarmos a palavra felicidade ao nosso projeto de sociedade, estaremos em condições de transformar qualitativamente a nós mesmos e ao mundo que nos cerca”.

José Fernando Dias
(Trabalho e Sindicalismo -
CADERNOS DO CEAS - 1995)

2ª PARTE

O EMBATE DE LAGOA SECA

Ângela Maria

(autora da dissertação):

Pois bem, aqui inicio o meu diálogo com todos os informantes que me prestaram uma ajuda incalculável: produtores familiares, agentes de comercialização, intelectuais acadêmicos, políticos profissionais e planejadores.

O primeiro cenário: o meio rural, fonte de vida para muitos que ali residem e extraem sua sobrevivência; local onde se gera a atividade agrícola, que é uma atitude deliberada do homem. *“Produzir no sentido econômico consiste em transformar intencionalmente bens e serviços intermediários, genericamente denominados produtos finais, que chegam ao mercado para serem comercializados”.* (ACCARINI, 1987;18)

O segundo cenário: o mercado, ponto de encontro de vendedores e compradores para efetuarem comercialização. Se misturam cada um com suas razões, objetivos e armas dentro do processo.

Os personagens: produtores familiares, construtores da história na esperança de encontrar o melhor para si e para a sociedade. Do outro lado os intermediários que também participam do debate.

A autora da dissertação apresenta, ilustra e contesta. Os intelectuais acadêmicos participam do diálogo discutindo os mesmos temas debatidos pelos produtores, enriquecendo e contestando, dando a visão acadêmica do contexto.

O diálogo começa com informações e avaliações sobre terra, produção, comercialização, apropriação do valor embutido nos produtos. Dizendo das razões, objetivos, estratégias, armas de produtores e intermediários no processo de comercialização.

1. Nada justifica a falta de amor à natureza...

"A agricultura é basicamente a arte de cultivar o solo para colher a luz e produzir biomassa."

(Paulo de Tasso Alvin)

José Leal

(produtor rural e dirigente sindical):

"Comecei a produzir há 20 anos, aqui no Sítio Novo Horizonte (Lagoa Seca) e o que me preocupa muito no final do século XX é com a ecologia, com o meio ambiente, porque estamos enfrentando sérios problemas climáticos e os trabalhadores rurais desconhecem a preservação da natureza, solo, etc. E, se providências não forem tomadas pelas autoridades no próximo século, vamos sofrer sérias conseqüências, principalmente as gerações que aqui hão de vir e apesar de vários segmentos envolvidos, como universidade, sindicato, associações e outros, não conseguimos êxito. Portanto, nada justifica essa falta de amor à natureza pelos trabalhadores rurais."

Fidel Castro (Presidente de Cuba):

"Jamais na história da humanidade tinha-se produzido uma agressão tão generalizada e destrutiva contra o equilíbrio de todos os ecossistemas vitais do planeta. No mundo subdesenvolvido são o próprio subdesenvolvimento e a pobreza os fatores principais que multiplicam hoje a pressão sobre o meio natural." (Mensagem de Fidel na ECO 92, pág. 2)

Antônio Cândido

(intelectual acadêmico):

"...A familiaridade do homem com a natureza vai sendo atenuada à medida que os recursos técnicos se interpõem entre ambos, e que a subsistência não depende mais de maneira exclusiva do meio circulante. O meio artificial elaborado pela cultura cumulativa por excelência, destrói as afinidades entre homem e animal, entre homem e vegetal. Dai as consequências negativas de uma adaptação integral do homem ao meio, em condições tecnicamente rudimentares - na medida em que limita a sociabilidade e torna desnecessárias as atitudes mais francamente operativas na construção de um equilíbrio ecológico, que integre de modo permanente novas técnicas de viver, e realce, mais nitidamente, a supremacia criadora da cultura sobre a natureza." (1975; 176)

Ângela Maria

(autora da dissertação):

Compreendo que, apesar dos vários problemas vivenciados pelo homem do campo, como, por exemplo, a falta de incentivo ao setor agrícola, deve haver todo um cuidado no sentido de que o meio ambiente seja preservado, pois a terra é a fonte geradora de sua sobrevivência e o produtor deve estar em sintonia com o discurso de todos os que amam a natureza. A preservação da natureza, pois, não deve ser acrescida como mais um problema para os pequenos produtores rurais, nem servir como justificativa para as autoridades

competentes apontarem a pobreza rural e o próprio produtor como responsáveis pelos problemas ecológicos.

Vicente Abílio

(produtor rural):

“Eu acredito que hoje o produtor pode lutar por coisas melhores. Mesmo com o sol que queima tudo, e o homem também ajuda a queimar... tenho a esperança em um futuro mais fácil para o homem do campo, pois sem agricultura ninguém vive no mund. O alimento é vida e sem ele como pode viver o homem?”

José Accarini (intelectual acadêmico):

“A terra representa não apenas o local onde bens e serviços são produzidos, mas também fator de produção, salta aos olhos, quando se observa pastagens, campos cultivados e lavouras, que eles não existiriam sem o solo - a produção rural decorre de diferentes fatores produtivos, das técnicas empregadas, da atividade produtiva, da atividade do homem e de vários outros agentes.” (1987; 22)

2. Nós, produtores, sofremos muito...

José Leal

(produtor rural e dirigente sindical):

“Enfrentamos muitos problemas na agricultura. Não temos como comprar sementes, adubos e as pragas não temos como enfrentar. A semente, eu acho mais fácil a gente conseguir através de nossas organizações, associações e sindicatos, formar nossos próprios bancos de sementes e deixar para pressionar os poderes executivo e legislativo por água, saúde e educação. A gente tem um solo de boa qualidade. Eu tenho um pomar de laranja com 3 mil pés e devido à chuva não produz de qualidade. Se tivesse água produziria numa época que tem pouco no mercado. E como vivemos hoje mesmo sabendo os meses que a oferta está fraca, nós não temos condições de produzir.”

Geraldo Cabral

(produtor rural):

“Os agricultores não querem esmolas nem promessas e sim concretização e realização. O agricultor já está cansado de papéis e de não ver nada funcionar para nós. Para produzir ficamos num atoleiro de lama quase morrendo de tantas dificuldades... Precisamos recuperar a agricultura do país.”

MUNICÍPIOS	VALOR BASE RS
SÃO JOÃO DO CARIRI	100,00
SÃO JOÃO DO TIGRE	100,00
SÃO JOSÉ BREJO DO CRUZ	200,00
SÃO JOSÉ DA L. TAPADA	200,00
SÃO JOSÉ DE CAIANA	160,00

(al e dirigente sindical):

“Como vamos melhorar e cobrar se eles não escutam o que pedimos, os papéis que enviamos para lá são queimados em fogueiras, porque são tantos. Vamos plantar muito no ano de inverno, é o que todos falam por aqui... mas como, se não temos água, adubos e sementes.

Agricultura, amiga, é o ramo mais pobre do mundo.”

Afonso Félix

(produtor rural e dirigente sindical):

“... Nós acreditamos que alguma reivindicação possa ser aceita pelas autoridades competentes.”

Ângela Maria

(autora da dissertação):

A produção familiar, além das diversas dificuldades para produzir, como a falta de terra, a escassez de água, a técnica rudimentar, a falta de assistência técnica e a expropriação do excedente econômico na comercialização, sofre também a influência da constante migração do trabalhador para as periferias dos grandes centros, recorrendo ao assalariamento; desembocando desta forma numa proletarização do produtor rural e o campo com áreas desertas, onde antes se

3. Na hora de vender, vendemos por um preço muito pequeno...

Fernando Paulino

(produtor rural):

"O agricultor, para produzir e encher a mesa das pessoas de comida, sofre muito, porque quer trabalhar e produzir e não pode. Não tem dinheiro nem para ter uma boa alimentação, como também para as despesas da lavoura, e temos de passar a vida toda de conformação.

José Accarini

(intelectual acadêmico):

"Antes de tudo é preciso ressaltar que a comercialização abrange todas as atividades que, após a colheita do produto, são empreendidas por diferentes agentes até o momento em que ele é vendido ao consumidor final. Nesse processo estão incluídas transações de compra e venda - denominadas atividades de troca, ou simplesmente, intermediação - e atividades físicas como armazenamento, transporte e transformação de produtos." (1987, p. 130)

Severino Moura

(produtor rural e dirigente sindical):

"... há dois problemas na nossa região que hoje afeta o pequeno produtor rural, o primeiro é a falta d'água e de uma linha de crédito; e o segundo é a comercialização. Se fossem resolvidos esses problemas, o resto o produtor fazia, pois ele já tem idéia de como trabalhar."

Luís Brum

(auto acadêmico):

“... a comercialização de produtos agrícolas assume um papel delicado e dos mais importantes, pois os alimentos são a arma mais poderosa sobre que uma nação pode ter controle.” (1983; 28)

José Leal

(produtor rural e dirigente sindical):

“A comercialização, a gente só teria uma melhor, se nossa região dependesse de mais indústrias. Nós não temos fábrica de suco e somos obrigados a vender ao intermediário para levar para Fortaleza e Natal. Então há deficiência de mercado no Estado, e se os poderes públicos não tomarem providências para dar incentivo à pequena produção, vai cair bastante a nossa produtividade.”

Paulo Ferreira

(produtor rural):

“Na comercialização nunca podemos procurar uma melhora, já estamos acostumados a não ter lucro.”

Vicente Abílio

(produtor rural):

“Nós temos que encontrar um jeito de viver melhor, e buscar na venda melhorar de vida. Os produtores, muitos deles nunca pensam em procurar uma melhora. Eu penso diferente. Para mim a falta de paciência do agricultor é o lucro do atravessador.”

Antônio de Pádua

(produtor rural):

“Mas a situação no meio rural de qualquer modo melhorou um pouco, e assim podemos continuar vivo e plantar um produto que esteja bom no mercado. Tem que usar a cabeça, ou então vai ser escravo em São Paulo.”

Ângela Maria

(autora da dissertação):

Dentre as dificuldades mais sentidas pelos trabalhadores rurais, percebemos ser na comercialização onde se definem as possibilidades, não só para os gastos feitos na lavoura, como também para assegurar a continuidade do processo produtivo e a sua reprodução, enquanto produtor familiar.

Mônica Martins

(intelectual acadêmica):

“... A comercialização se coloca, portanto, como um dos problemas centrais da pequena produção, já que o trabalhador rural não consegue reter uma maior renda gerada com o produto de seu trabalho, devido a mecanismos de transferência de renda e de subordinação a outros grupos sociais, fruto de uma estrutura fundiária concentradora de terra, renda e poder.” (1987; 02)

Luís Brum

(intelectual acadêmico):

“A comercialização não pode ser aplicada como um ato estanque de si mesmo, no qual o fato de possuir prática permite ignorar o que cerca. O ato de trocar produtos entre pessoas, firmas e países, assume um caráter decisivo e vai muito além dessa visão simplista que comumente se dá ao que chamamos de comercializar.” (1983; 01)

4. Sítio? Feira? CEASA? Tanto faz...

Luís Brum

(intelectual acadêmico):

"... Sabemos que a comercialização traz intrínseca palavras que representam etapas do ato de comercializar, as quais conhecemos bem, tais como: preço, mercado, consumidor, pesquisa de mercado, distribuição, venda e compra. No fundo a essência do sistema consiste em que os bens são produzidos para a troca e as inter-relações de troca constituem transações monetárias." (1983; 10)

Karl Stechaer

(intelectual acadêmico):

"... Apesar de existir uma grande confusão de línguas ligadas aos principais assuntos do comércio agrícola como a formação de preços, sistema de intermediação etc., o que mostra, que as "leis de mercado" não determinam, em absoluto, a maneira de pensar e decidir dos agricultores." (1995; 139)

José Leal

(produtor rural e dirigente sindical):

"A comercialização comecei a fazer na CEASA, quando plantei banana e macaxeira. Então tive muito prejuízo e sofri bastante com os atravessadores, e acabei sem paciência, e hoje acho melhor vender no sítio. Tenho os caminhoneiros que me compram para levar para outros Estados."

Antônio de Pádua

(produtor rural):

“... Tem que produzir e vender na CEASA, porque se vender no sítio perde 30%; e aqui no sítio ganha muito pouco e com o risco de não receber. Então tem que vender na CEASA mesmo.”

Fernando Paulino

(produtor rural):

“Vendo os meus produtos aqui no sítio, a feirantes e intermediários. Vender ao atravessador chega caro ao consumidor, e vender aqui, recebe o dinheiro na hora e não pagamos frete e dá mais valor ao produto, pois é colhido na hora. Tem produto que é mais ruim para vender, pois não é consumido pelos ricos. Outros é mais fácil para vender.”

Natanael Alves

(produtor rural):

“Eu vendo bem na CEASA, esse negócio de dizer que somos bobos é conversa. Nós sabemos dar o preço e ganhar um pouco. É o local melhor de vender é a CEASA.”

Felipe José Lindoso

(intelectual acadêmico):

“(...) O sistema de comercialização implantado na CEASA para os hortifrutigranjeiros terá uma longa vida, já que não se prevê nenhum sistema alternativo que ofereça algum tipo semelhante de garantia ao produtor.” (1983; 176)

Ângela Maria

(autora da dissertação):

Na verdade, faz-se necessário ressaltar que tanto o sistema de abastecimento - CEASA, quanto aos serviços oferecidos ao produtor, representa apenas medidas paliativas frente aos problemas estruturais da produção familiar. Por esse motivo não corresponde às expectativas dos produtores no processo de comercialização, principalmente por não ser acompanhado de ações que visem combater as raízes desses problemas estruturais.

Afonso Félix

(produtor rural e dirigente sindical):

“Eu faço a comercialização na CEASA, bem melhor do que vender na propriedade. Na feira é bom, mas perde o dia todo.”

Marcelino Moraes da Silva

(produtor rural):

“Não vendo na CEASA, acho melhor levar para a feira. Tenho um banco e vendo direto ao consumidor no dia de feira. E dá para apurar alguma coisa. Não é preciso vender só na CEASA, a feira é melhor.”

Maria Emília Pacheco

(intelectual acadêmico):

“As condições de comercialização não se configuram como homogêneas para o conjunto dos produtores. Os diferentes produtos

realizam-se através de circuitos mercantis também diferenciados, vale dizer, implicam na presença de diferentes agentes sociais inseridos na rede de relações que vai caracterizar o processo de comercialização.”

(1980; 42)

Moisés Belarmino

(produtor rural):

“A agricultura nunca dá para ganhar nada. Quando temos não vale nada e quando não temos é muito caro. Por isso tanto faz vender aqui ou lá.”

Paulo Sandroni

(intelectual acadêmico):

“Para chegar à mesa das famílias proletárias, os gêneros alimentícios percorrem uma longa trajetória. Isto é, entre o produtor direto e o consumidor final se interpõem várias camadas de intermediários - comerciantes (estes últimos realizando algumas atividades industriais, como por exemplo o beneficiamento) e não existe razão alguma pela qual essa diferença - valor deixa de ser apropriada na esfera de circulação e ao chegar à mesa do consumidor o faça a um preço equivalente a seu “valor” ou mesmo superior a este. O fato de que o preço pago ao produtor seja baixo não significa que o preço exigido do consumidor final também o seja.” (1980; 48)

**5. Não estamos preparados para vender direto ao consumidor
ou em outros mercados.**

Ivandro Sales

(intelectual acadêmico):

“(...) Descobrir, inventar, reforçar novas e mais bonitas formas de produzir e de viver. Em vez de produzir mercadorias para o mercado para obter lucro gerado pelo trabalho não pago, criaremos um modo de produzir bens e serviços para a sociedade. Ser trabalhador e não força de trabalho. Buscar descobrir, aprofundar, generalizar experiências que já tragam em si mais vida e mais beleza.” (1994; 10)

José Leal

(produtor rural e dirigente sindical):

“Nós não temos produto para comercializar o ano inteiro e também não podemos ficar direto no mercado. E eu sou produtor e não atravessador.”

Severino Ramos

(produtor rural):

“Muitos produtores estão no mercado porque acabaram gostando. Compram um produto de um agricultor aqui, outro ali e vendem na feira e estão bem e não querem mais saber de roça.”

Maria Emília Pacheco

(intelectual acadêmico):

“Trata-se de uma agricultura familiar cujos participantes dedicam-se principalmente à própria subsistência e, secundariamente, a troca do produto que pode ser obtido com os fatores que excedem suas necessidades no sentido de que sua vida econômica não está estruturada primordialmente a partir das relações com o mercado”.

(1980; 37)

Antônio de Pádua

(produtor rural):

“O agricultor, se vende bem ou não, tem que continuar no campo produzindo... quem sabe mexer com a enxada melhor do que ele?”

Ângela Maria

(autora da dissertação):

O produtor está sempre preocupado em produzir e colher, permanecendo geralmente mal informado sobre os preços e as condições de mercado. Tendo ainda o inconveniente de necessitar vender seus produtos para saldar os compromissos ou porque o produto é perecível e ele não dispõe de local adequado para armazená-lo. Ao contrário os intermediários, que dispõem das informações essenciais sobre o mercado, e quase sempre de depósitos apropriados, algumas vezes manipulam grandes estoques, para forçar a elevação dos preços.

Leonarda Musumeci

(intelectual acadêmico):

“Alem do mais... o camponês na realidade não controla todo o processo produtivo, já que seu trabalho não é ainda o produto final que se destina ao consumidor. O pobre é “simplesmente” dono dos seus meios de produção (“pra fazer” produzir), mas não é dono da usina, do depósito, dos meios e locais que fazem o seu produto “criar valor”. Não descreve a pobreza, como efeito da dificuldade de acesso à terra, ao cotele, ao machado etc., mas como efeito do afastamento em relação às condições de valorização comercial do produto.” (1988; 302)

6. Não levo muita fé no mercado sem o atravessador.

Maria Paulino

(produtora rural):

“Para o produtor é uma faca de dois gumes se vender ao atravessador ou ao intermediário, de todo jeito não consegue receber o valor justo do produto.”

José Soares

(produtor rural):

“... Só digo uma coisa: se tirar o intermediário da CEASA, quem vai comprar nosso produto?”

Manoel Silva

(intermediário não-permanente):

“Na hora de comprar o produto e pagar logo no apurado só tem nós, porque os das lojas não querem nem saber.”

Antônio Pedro

(atacadista):

“Nós não podemos comprar os produtos deles porque eles só têm muito pouco para vender. E nós temos que abastecer os supermercados, temos contrato com eles e com os feirantes. Temos o compromisso.”

Vicente Abílio

(produtor rural):

“... Não tenho nada a dizer do atravessador, vendo a eles se quiser, não sou obrigado a vender. Para vender é melhor ter paciência e vender direto ao consumidor.”

José Leal

(produtor rural e dirigente sindical):

“... Na CEASA, eles têm uma combinata, vem, coloca um preço, vem outro e diz um preço mais baixo ainda. Ali, ou vende ou deixa o produto boiar.”

Nilson Maciel

(intelectual acadêmico):

“... Vender e comprar junto a comerciantes significa se submeter às suas regras de mercado e, conseqüentemente, ao seu projeto particular de acumulação, para o qual o pequeno produtor é rica fonte de excedente. Nesses termos, quanto mais fiel e indefeso o produtor, “maior” a manipulação.” (1983; 200)

Antônio de Pádua

(produtor rural):

“Os atravessadores é quem tira nós do prego quando não temos a quem vender. Então tem que ficar os dois no mesmo lugar, o que separa é o produto, porque eles retalham e nós não retalhamos.”

José Moisés

(produtor rural):

“São todos ruins para nós, só querem lucro; quando chega a batatinha do brejo, o preço pode estar bem alto, mais cai na hora. E o jeito é vender assim mesmo.”

José Leal

(produtor rural e dirigente sindical):

“Quanto ao relacionamento nosso com os atravessadores, é bom, só brigamos pelo espaço no mercado do produtor, culpa nossa, pois saímos e deixamos eles se instalarem.”

Maria Emília Pacheco

(intelectual acadêmico):

“O atravessador pelo estudo que realizei, sua importância parece ser significativa. Ele próprio leva o seu produto até a cidade, pagando frete do seu caminhão e vendendo na CEASA ou em outros mercados. Na CEASA, obtém-se um melhor preço do que na zona de produção, mas em compensação tem que pagar o frete, o importante é vender o produto uma vez colhido.

Tradicionalmente os atravessadores participam como intermediários no processo de comercialização, caracterizando-se como os principais agentes de todo o processo, estes agentes de comercialização são os que mais se apropriam no sobre-trabalho gerado na produção. São eles que definem as condições do mercado local - o preço de compra e

o montante a ser transacionado. Na fixação do preço de compra há um acordo entre eles, sendo que os maiores têm uma posição de comando.” (1980; 48)

Antônio de Pádua

(produtor rural):

“Eu vendo na CEASA há muito tempo e conheço tudo lá. Os atravessadores não têm loja; eles compram e vendem dentro da CEASA e Feira Central. Vende e depois paga ao intermediário, ao produtor paga na hora.

Os atacadistas, esses não compram o nosso produto, como também não chegam no mercado do produtor, mas na CEASA quem manda é eles.”

Fernando Paulino da Silva

(produtor rural):

“O atravessador e o intermediário são pessoas diferentes. Os atravessadores são todos exploradores, eles querem só ganhar dinheiro. O raposa fica só de olho no intermediário que está aperreado, sem tirar o dinheiro para pagar ao produtor, então ele vem e bota tudo no bolso, compra de graça e vai embora. Leva para a feira e ganha mais. Os donos das lojas, esses são os ricos.”

Ângela Maria

(autora da dissertação):

É necessário, contudo, reconhecer que os agentes de intermediação algumas vezes tornam-se uma espécie de mal necessário diante do isolamento e também da falta de assistência e apoio a que estão submetidos os produtores familiares .

De outra forma, se a presença dos respectivos agentes passa a ser indispensável e os preços que praticam advém, em boa parte, da necessidade de compensar os custos e riscos, não há como negar que o poder de monopólio que desfrutam propicia-lhes oportunidades de obter bons lucros, através da exploração de produtores totalmente dependentes.

7. E o suor que perco todo dia, não vale nada?

Afonso Félix

(produtor rural e dirigente sindical):

“Eu vendo aos feirantes mais caro, fico com medo de não receber, e ao atravessador mais barato, porque paga na hora.”

Pedro Pereira

(produtor rural e dirigente sindical):

“Se o mercado tiver ruim, eles dizem um preço e depois digo o meu. Fico só na escuta.”

Antônio Alexandre

(intermediário permanente):

“Nós também temos dificuldades para vender, cada feirante quer um preço cada vez mais baixo, e, às vezes, compra e não paga.”

José de Souza Barbosa

(intermediário não-permanente):

“A coisa na feira está tão feia para vender, e aqui na CEASA os produtores só querem vender caro.”

Pedro Salvino

(feirante):

“Compro bem os produtos, e vendo muito bem na feira... Vejo os preços que eles estão pedindo e escolho o melhor para comprar.”

Arlindo Freitas

(produtor rural):

“Cada um chega para comprar e só quer de graça. Uma coisa errada é que todo mundo planta ao mesmo tempo o mesmo produto.”

Antônio de Pádua

(produtor rural):

“Tem gente que chega com um bodinho (pouco produto) para vender a varejo, eu só vendo no atacado, é melhor apra ganhar.”

Manoel Ferreira

(produtor rural):

“Agora o produtor tem uma vantagem, ele onde chega vende; já o intermediário não pode fazer isso, tem que tirar o dinheiro para pagar ao produtor e as despesas.

Outra coisa, se estamos pedindo muito no produto, podemos baixar os preços, o preço deles tem que ser um só, pois precisa pagar o produto que comprou e a “pedra” na CEASA.”

Luís Silva

(intermediário não-permanente):

“Só compro quando está todos aperreados por dinheiro, aí coloco um preço bem pequeno.”

Nilson Maciel

(intelectual acadêmico):

“... Os comerciantes (em graus variados) dominam os mecanismos de mercado, além de atuarem, na prática, como representantes do agricultor na venda de suas safras, cujo envolvimento com o mercado se encerra no comerciante.” (1983; 263)

José Leal

(produtor rural e dirigente sindical):

“Os preços, vou na CEASA, ou me baseio pela produtividade, já tenho prática. Eles apalavram o sítio e nós vamos discutir o preço. Então, se der 200 milheiros ou 300, fica pelo preço que acertamos. Tem outros que só compram contando. Escuto também no rádio os preços do SIMA (Serviço de Informação do Mercado Agrícola).”

Vicente de Paula

(intermediário permanente):

“... O produtor não está preocupado em ter lucro, ele quer vender, seja qual for o preço.”

Sadi Dali Rosso e Celso A. Salim

(intelectuais acadêmicos):

“Podemos concluir, então, que os produtores que exploram pequenas parcelas de terra, quer próprias, quer de outros, estão desprovidos de condições de acumular. A produção se dá através de uma composição de forças produtivas, onde predomina o uso da força de trabalho em detrimento da utilização de instrumento e insumos provenientes da indústria.” (1980; 12)

Paulo Ferreira

(produtor rural):

“... A grande manha do comércio é o preço que o comprador coloca no produto. O preço pode ser ruim para um colega e bom para você.”

Severino Ramos

(produtor rural):

“Quem determina o preço é o mercado. Se tiver muito, o preço cai. Se tiver pouco, o preço sobe. Mais uma coisa importante é que o produtor leva para o mercado o mesmo produto ao mesmo tempo, então o volume é tanto que às vezes perdemos todo e vendemos de graça. Não dá para retornar para o campo com o produto.”

Natanael Aives

(produtor rural):

“... ao intermediário vendo no atacado e ao feirante nós retalhamos. Os intermediários paga na hora, os feirantes vendemos para receber depois.”

Luís Bernardo

(produtor rural):

“... Tenho o meu preço, não é justo, vou morrer de trabalhar e entregar meu produto de boa qualidade de graça. E o suor que perco todo dia, não vale nada?”

Karl Marx

(intelectual acadêmico):

“A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtores do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, refleti-la com relação social existente.” (1991; 81)

8. Quem ganha e quem perde não sei: só sei que recebo muito pouco pelos vinte anos de agricultor.

José Nascimento

(produtor rural):

“Na loja quem dá o preço é o vendedor, quando a gente vende nossa produção quem diz o preço é o comprador.”

Karl Marx

(intelectual acadêmico):

“Mas, na sociedade, o relacionamento do produtor com o produto, assim que este se encontra acabado, é puramente exterior e o retorno do produto ao sujeito depende das relações deste com os outros indivíduos. Não se apodera dele imediatamente. Também a apropriação imediata do produto não é a sua finalidade quando se produz dentro da sociedade. Entre o produtor e os produtos que se coloca a distribuição, a qual, por meio de leis sociais, determina sua parte no mundo dos produtos e interpõe-se, portanto, entre a produção e o consumo.” (“Introdução de 1857”, 1993, p. 34)

João Batista dos Santos

(produtor rural):

“O feijão, comprei a 50, e na hora de vender só apurei 20. Esse negócio é errado porque quem compra o produto da gente tem mais posse... Muitas vezes o agricultor pede um preço melhor, mas não vale nada, pois vende quando já está precisando muito e tem que vender a qualquer preço.”

Karl Marx

(intelectual acadêmico):

“... As mercadorias são coisas; portanto, inertes diante do homem. Se não é dócil, pode o homem empregar força, em outras palavras, apoderar-se dela.” (1994, p. 94)

José Leal

(produtor rural e dirigente sindical):

“O atacadista que é fixado na CEASA, esse ganha muito dinheiro. Só compra a grandes produtores e vende a outros comerciantes ainda maior que eles. Então como pode esses comerciantes ganhar pouco?”

Ivo Medeiros

(atacadista):

“Os produtores dizem que nós ganhamos muito dinheiro na venda dos produtos agrícolas, pois compramos barato. Mas temos muitas despesas como transporte, impostos, aluguel da loja e, às vezes, somos enganados no peso pelo produtor e levamos muito calote. Essa informação está errada, no comércio somos os mais pobres.”

Luís Damião

(intermediário não-permanente):

“... e tem mais, aqui na CEASA se paga até para pisar no chão. O dinheiro que entra no bolso é para pagar imposto e outras taxas.”

José Domingos

(atravessador):

“... E digo mais, nós aqui somos muito enganado, só tem caloteiros. Chega o produtor com um produto quase podre e quer vender caro. O feirante só quer pagar a nós depois da feira; o povo que está no outro mercado do produtor é quem ganha muito dinheiro.”

Paulo Sandroni

(intelectual acadêmico):

“Observando a estrutura de comercialização de produtos agrícolas para o mercado interno, especialmente gêneros alimentícios, podemos levantar fatos suspeitar de que são esses intermediários os que se apropriam da diferença entre o preço pago ao produtor direto e “valor” do produto comprado transformando-o em lucros normais, extraordinários no atacado e no varejo.” (1985, p. 51)

Arlindo Freitas

(produtor rural):

“Olhe, o mal do homem da roça é que eles não tem paciência de esperar um preço melhor e entrega o produto ao primeiro tostão que vê na frente. Por isso é fácil ganhar dinheiro com ele.”

Karl Marx

(intelectual acadêmico):

“O dinheiro é um cristal gerado necessariamente pelo processo de troca, e que serve, de fato, para equiparar os diferentes produtos do trabalho e, portanto, para convertê-lo em mercadoria.” (1994, p. 97)

Antônio de Pádua

(produtor rural):

“Na CEASA, no mercado do produtor, quem manda é o intermediário e no outro é o atacadista..

O atravessador é diferente do intermediário. O atravessador sabe de tudo, do preço e do mercado, conversa com todos; ele não tem ponto fixo e compra a um e vende a outro. O intermediário tem ponto fixo, uns compram na fonte e outros no mercado e vende a feirantes e atravessadores. Acho que todos ganham um pouco, ninguém fica sem ganhar nada.”

Nelson Anacleto

(produtor rural e dirigente sindical):

“Na minha concepção, os atravessadores e intermediários é a mesma coisa, tanto faz, todos intemedia. Agora o intemediário que fica no mercado do produtor tomando nosso lugar, esse é ruim para nós, sendo ele que ganha dinheiro.”

Manoel Sobrinho

(intermediário não-permanente):

"Sou caminhoneiro há oito anos, vendo no caminhão mesmo, compro nos sítios e já tenho os produtores certos. Então levo para outras CEASA, lá vendo no caminhão ou entrego a outros fornecedores. Na volta trago outros produtos que a oferta está baixa aqui. O comércio é difícil, porque perde muito produto, chega muitas vezes pela metade no mercado, e se chegar aqui e já tiver muito produto, aí temos muito prejuízo.

Tem outra coisa, gastamos muito com combustível, peças para o carro, imposto e a taxa da CEASA... ganhamos muito pouco."

Francisco Paulino

(intermediário permanente):

"... Cheguei na CEASA quando o mercado do produtor foi inaugurado, para trabalhar como ajudante. Passei um tempo trabalhando no CEASA/Recife e voltei, hoje vendo no mercado do produtor. Compro os produtos aqui mesmo na CEASA ou no sítio. Os produtores geralmente trazem na quarta e quinta-feira; vou também nos sítios e revendo para feirantes e a outras pessoas do nosso ramo que leva para a Feira Central/Campina Grande e para outras feiras nas cidades ou vendem para outros colegas. Nós ganhamos o que o produtor ganha, um pouco mais às vezes, porque tem produtores que não sabem pedir preço e na pressa para voltar, não espera que termine a feira. Os produtores além de pedir caro, porque às vezes só ele tem, exige logo o pagamento, e

os produtos são de terceira categoria e fica ruim para vender e o jeito é entregar a outro colega do ramo, quase de graça.

Outra coisa, aqui na CEASA o roubo de produtos é grande, a vigilância é fraca, só funciona para os poderosos do dinheiro: os atacadistas.”

Francisco José

(intermediário):

“... venho de Aracaju nesse caminhão carregado de laranja. Às vezes chega quase toda perdida, é perecível. E se não vender toda tenho que levar para outras CEASA ou jogar fora. O prejuízo é mais que o lucro, mais estou nesse ramo a muito tempo e me acostumei e só deixo quando morrer.”

Antônio Santos

(produtor rural):

“O trabalho é muito e toda hora, diferente de quem compra o produto. Quando chega a hora de ter um pouco de dinheiro o produto não vale nada, e quando está valendo não temos.”

Karl Marx:

(intelectual acadêmico):

“(…) As mercadorias têm de realizar-se como valores, antes de poderem realizar-se como valores-de-uso... todo possuidor de mercadoria considera cada mercadoria alheia equivalente particular da sua, e sua mercadoria, portanto, equivalente geral de todas as outras mercadorias.” (1994; 96)

Leonarda Musumeci

(intelectual acadêmico):

"(...) O campesinato em questão opera dentro de um ambiente econômico em que os ganhos advém essencialmente da atividade comercial - especulativo e esta assenta na possibilidade de controlar, não diretamente o trabalho alheio, a terra e os meios de produção, mas sim uma parte ou o conjunto dos "meios de circulação", isto é, dos instrumentos de valorização do produto. Num tal ambiente, ser "pobre" ou rico, ser mais ou menos "explorado", ser mais ou menos capaz de manter o domínio sobre os meios de produção face a situações adversas, circunstâncias fortuitas, ou mesmo face às pressões expropriadas diretas - tudo isso depende em larga medida de estar-se ou não (e em que grau) em condições de especular." (1988; 306)

Ivandro Sales

(intelectual acadêmico):

"Penso até que a origem e solução dos problemas está no modo mais coletivo ou mais privado de gerir a prática de produção / circulação / distribuição na agricultura, na indústria, no comércio, nos bancos. A origem e solução dos problemas está, então, no modo coletivo ou privado de gerir a base econômica da sociedade." (1989; 35)

9. Cooperativa ou cooperação?

Osmil Galindo e Warter Macedo

(intelectuais acadêmicos):

“...A principal dificuldade no que tange a comercialização da pequena produção consiste na extrema dependência dos agentes externos (bodegueiros, caminhoneiro, feirante e atacadista), o qual se apropria de parcela não desprezível do excedente...

Para alterar este quadro altamente perverso do ponto de vista social, faz-se necessário a criação de sólidas estruturas associativas, bem como a reformulação e modernização daqueles já existentes. Produzindo e comercializando através de cooperativas e associações fortes...

É igualmente importante investir no homem enquanto ser social.”

(1990;02)

Ivandro Sales

(intelectual acadêmico):

“O cooperativismo tenta libertar a cooperação. Sabendo que a cooperação é uma força econômica, ou seja, sabendo que a cooperação aumenta a capacidade de produzir, então que a cooperação seja útil para quem coopera e para a sociedade e não seja só instrumento de lucro do dono do capital.

A cooperação é também um estilo de vida totalmente diferente da concorrência, do salve-se quem puder, do império dos fortes, do individualismo, do egoísmo. A cooperação é um estilo de vida no trabalho, na política, na família, enfim, nas dimensões econômicas, políticas, afetivas e espirituais etc.” (1987; 27)

José de Souza Martins

(intelectual acadêmico):

“O cooperativismo constitui-se na técnica econômica capaz de permitir ao produtor rural ampliar a retenção da sua parcela no preço final do produto ou, ao menos, atenuar a descapitalização no plano do estabelecimento rural. Por isso mesmo, o cooperativismo enquanto dimensão dos movimentos associativos agrários, tem também as suas implicações políticas, uma vez que se revestiu da condição de instrumento de defesa de interesses de classe.” (1975:68)

José Leal

(produtor rural e dirigente sindical):

“... O sistema de cooperativa é um sonho que deveria ser concretizado. Para isso, você precisa participar, se integrar, porque a gente sente a dificuldade na falta de cooperativa, devido à falta de união dos próprios produtores. Eles não acreditam e também não confiam, só confiam nos políticos... Uma classe que infelizmente o produtor não deveria acreditar. A nossa única solução para tudo isso é nos organizar através do nosso sindicato, associações e cooperativas. Mais digo

com muita tristeza que o nível de consciência do trabalhador rural nada mudou. É lamentável como muitos querem ver o sindicato fechado, que é o mesmo pensamento do governo..."

Nilson Maciel

(intelectual acadêmico):

"As cooperativas, portanto, podem vir a se constituir num instrumento efetivo de barganha, na medida em que possam compatibilizar as necessidades de sobrevivência dos pequenos produtores com seu projeto de acumulação, mantendo suas posições no âmbito do mercado." (1983, 267)

Ângela Maria

(autora da dissertação):

Se faz necessário tomar em consideração as mudanças significativas que estão acontecendo no meio rural, tendo os movimentos sociais o papel de agente fortalecedor das perspectivas transformações, gerando agentes ativos e participativos nos movimentos e mobilizações.

César Barreira

(intelectual acadêmico):

"...A emergência dos movimentos camponeses e o aumento do grau de consciência sobre a exploração a que estão submetidos suscitam respostas mais sistemáticas e organizadas." (1992;12)

Mônica Martins

(intelectual acadêmica):

"...Um ponto de partida para a discussão é a afirmação de que os trabalhadores rurais são ou estão organizados, enquanto produtores, pois há uma organização do processo produtivo sob o comando do modo de produção capitalista, muito embora esta organização leve em conta tão somente os interesses da grande propriedade; e enquanto movimento social, através das várias entidades da sociedade civil (cooperativas, associações, sindicatos, partidos políticos, igreja etc.), apesar das especificidades de quem os têm organizados." (1987;06)

Ângela Maria

(autora da dissertação):

A organização do produtor, principalmente o pequeno, é essencial e indispensável, pois os mesmos devem se integrar ao sistema sócio-político-econômico do país não com um papel meramente passivo, mas como agente transformador; não como aliado, cúmplice, mas sim reformador da visão distorcida e anacrônica do bloco do poder.

Ivandro Sales

(intelectual acadêmico):

"...A organização dos produtores é necessária à afirmação de seus interesses junto a interesses que estão mais fortes justamente porque estão mais organizados. A vontade coletiva, que é algo mais profundo do que interesse imediato, será descoberta e organizada num processo

coletivo e continuado de consulta/confronto a respeito da origem e superação de problemas em todos os campos de atividades dos pequenos produtores." (1987; 43 e 44)

Beatriz Costa

(intelectual acadêmica):

"(...) Pequenas iniciativas que buscam alternativas de sobrevivência também apresentam muitos limites. Devem ser encaradas como estratégias educativas para construir um novo tipo de vida social. Para instituir ou re-instituir relações de igualdade, solidariedade e cooperação em todas as práticas sociais... Porém, do ponto de vista político-econômico essas estratégias precisam provar sua eficiência no mercado e influenciar políticas públicas." (1989;10)

José Leal

(produtor rural e dirigente sindical):

"E, finalmente, eu quero agradecer pela oportunidade de participar da sua pesquisa e pelo nosso diálogo. Peço a Deus paz e aos poderes públicos mais compreensão e consciência, que olhe com bons olhos para a agricultura e dê oportunidade de pelo menos falar, já que muitos produtores são omissos. Precisamos zelar pelos nossos interesses e bem estar de nossa comunidade, seguindo unidos sindicatos urbanos e rural, igreja, universidade e todos os outros seguimentos da sociedade. Eu me vejo decepcionado, como já fiz ver anteriormente, mais não esmorecido. Peço a Deus saúde e coragem para abraçar essa jornada de trabalho sempre em equipe, porque assim formaremos um grupo forte para caminhar e cobrar."



Nada justifica a falta de amor à natureza...



Trabalhadores em atividade na sua lavoura.



Nós, produtores, sofremos muito...



Na hora de vender, vendemos por um preço muito barato.



Momento de comercialização no sítio.

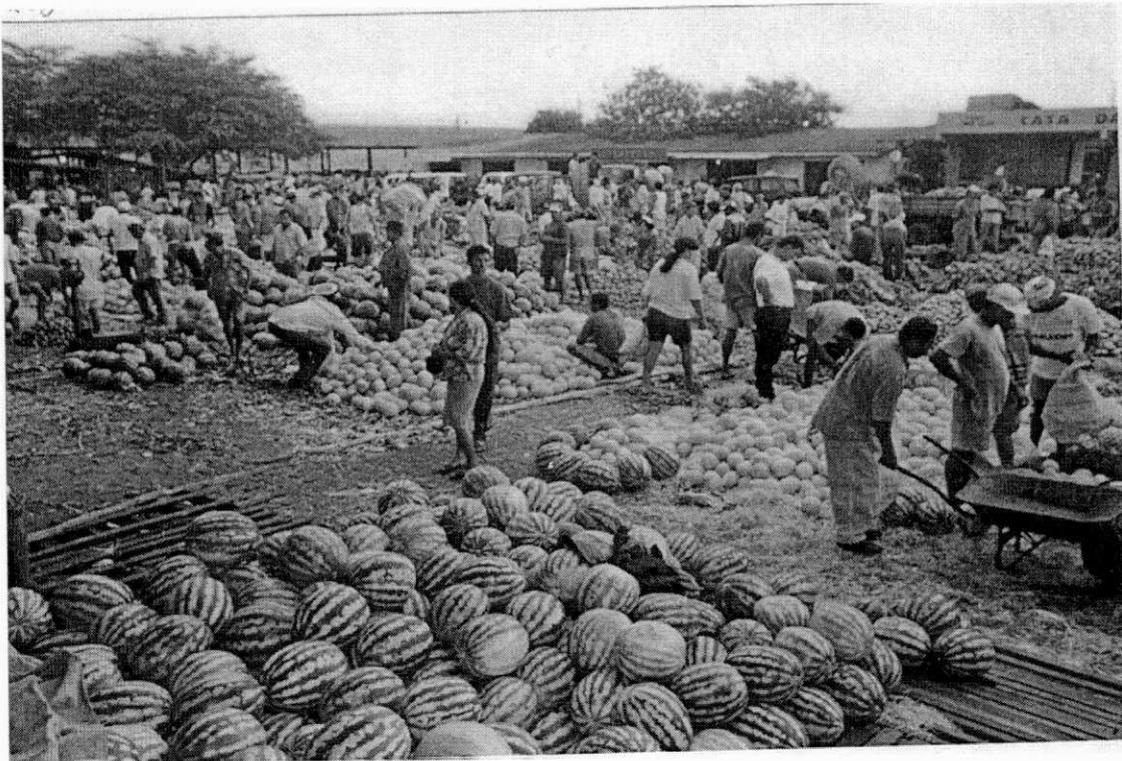


Momento de comercialização na Feira Central - Campina Grande.

SÍTIO? FEIRA? CEASA? TANTO FAZ...



Momento de comercialização na EMPASA - Mercado do Produtor (1993).

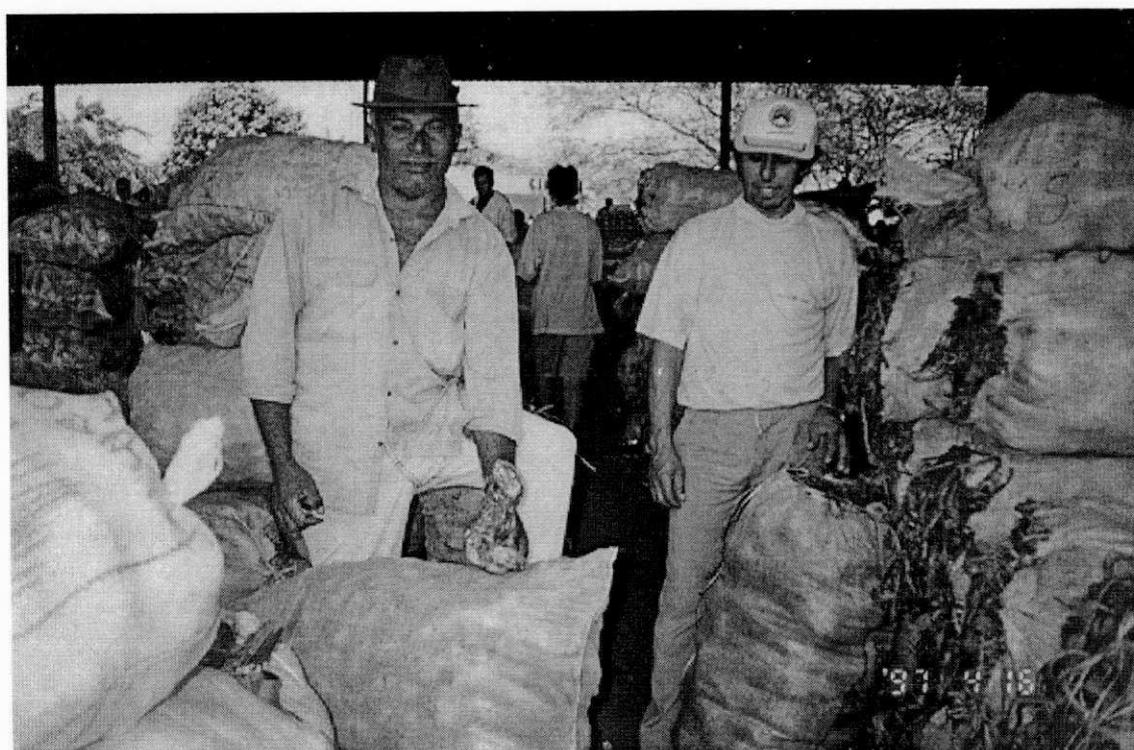


Momento de comercialização na EMPASA - área livre (1993).

Sítio? Feira? Ceasa? Tanto faz...



Atravessadores comercializando no Mercado do Produtor - EMPASA (1997)



Não levo muita fé no mercado sem o atravessador.



E o suor que perco todo dia, não vale nada?



Quem ganha e quem perde não sei:
só sei que recebo muito pouco pelos vinte anos de agricultor.



Na EMPASA, Cooperativa de São Gonçalo em atividade (1995).



Cooperativa ou cooperação?

*... Somente unidos e confiantes, podemos recuperar
nosso saber, poder e os nossos direitos... Por isso a
conversa continua...*

(Maria Madalena Silva - produtora rural)

3ª. PARTE

Reconquistando seu espaço

*"Ter poder de definir e redefinir os objetivos e os meios de
todas as ações."*

(Ivandro Sales)

Algumas informações iniciais

JORNAL DIÁRIO DA BORBOREMA:

Campina Grande lutou muito para ter aqui instalada uma das unidades das Centrais de Abastecimento e assim evitar a presença dos atravessadores... A cidade se uniu, formou um bloco político e no governo de Ernany Sátiro, viu construída a sua CEASA. Passou a ser uma das únicas cidades do interior do Brasil a ter o benefício e destacou-se na região. (11.03.1995)

Ângela Maria

(autora da dissertação):

A CEASA de Campina Grande, hoje EMPASA, foi construída em 1977. Até então a comercialização da microregião do Agreste da Borborema se realizava na feira central de Campina Grande, não existindo, portanto, a influência de qualquer órgão centralizador de distribuição

para o barateamento dos custos e para o controle das flutuações das ofertas de hortifrutos.

Devido à localização geográfica, Campina Grande é considerada um pólo de comercialização, demandando desta forma a construção do respectivo mercado, já que para ela convergem hortifrutos de vários municípios do Estado da Paraíba e outros Estados, tendo a Paraíba uma participação significativa no volume total comercializado na EMPASA, pois, em 1996 o volume atingiu 31.538,4 toneladas o que corresponde a 33% do movimento.

O sistema CEASA pretendia “modernizar” o abastecimento, partindo, fundamentalmente, do princípio de que é essencial fazer com que o produtor esteja informado dos preços, tenha condições de acesso fácil e direto ao mercado atacadista, e de que a reunião dos comerciantes atacadistas num só lugar leve diretamente a um funcionamento perfeito do sistema de mercado, dificultando assim a especulação e a ação dos atravessadores.

Felipe José Lindoso

(intelectual acadêmico):

“O objetivo final é de que o conjunto de praças de mercado interligados entre si fazendo o sistema finalmente “corporifique” o mercado, tal como entendimento pelos economistas. A CEASA é rigorosamente uma praça de mercado aberta.” (1983; 145)

Ângela Maria

(autora da dissertação):

Qualquer produtor, desde que esteja cadastrado, pode levar suas mercadorias para comercializar na EMPASA ou entregá-las aos atacadistas ou mesmo a outros comerciantes. Se o produtor não conseguir vender a mercadoria, retira-a ou deixa na "pedra" coberta por fora, já que não há local para armazená-la.

Os preços são estabelecidos no mercado, todavia existe um setor técnico na EMPASA, o SIMA (Serviço de Informação de Mercado Agrícola), que acompanha os preços a nível de atacado que se pratica no mercado. A pesquisa é feita diariamente através de técnicos que trabalham direto no mercado. Após a análise dos dados os preços são intercambiados para o serviço de informação de outros Estados, além de ter a divulgação feita nos boletins de preços em emissoras de rádio locais.

Os produtos ingressam na EMPASA e são vendidos a partir de qualificações que aparecem nos boletins do setor de análise. Essas qualificações podem ser de qualidade (extra, especial, primeira, segunda) ou variedade (ex.: abacaxi pérola, alface lisa e crespa etc.) A devida qualificação é feita pelo pesquisador, conforme experiência já desenvolvida e treinada pelo Ministério da Agricultura. Porém, a real qualificação só aparece na hora do regateio dos preços, de modo que a qualidade entra em jogo. Por isso, na estatística da EMPASA, aparece a produção lá comercializada como sendo fundamentalmente de primeira qualidade.

Os produtores, caminhoneiros ou outros agentes de comercialização, ao ingressar na EMPASA, têm que declarar a quantidade de produtos com a respectiva unidade, procedência, transporte e embalagem que trouxe a mercadoria, além do destinatário, através de notas de controle de entrada de mercadorias que são levadas ao setor de análise de dados da empresa, num segundo momento, para serem computadas.

1. Construindo o primeiro centro do produtor

Ângela Maria

(autora da dissertação):

Em 1977, foi construído com recursos do BIRD (Banco Internacional da Reconstrução e Desenvolvimento), dentro da Central de Abastecimento, um mercado destinado ao pequeno produtor, que recebeu o nome de MEPRO (Mercado do Produtor), que foi o primeiro do interior do Nordeste.

JORNAL CORREIO DA PARAÍBA:

...o espaço no Mercado do Produtor foi conquistado, após um movimento que envolveu sindicatos, associações e a classe política, ainda na década de 70. (25.03.1995)

Germano Félix

(produtor rural e dirigente sindical):

“Pelo que sei sindicatos, associações e políticos se organizaram para que o governo construísse um espaço só para os pequenos produtores na CEASA, para lá eles venderem seus produtos todo dia.”

Ângela Maria

(autora da dissertação):

O MEPRO foi construído com uma estrutura para atender a todos os municípios do Agreste da Borborema. A princípio, foi formada uma equipe técnica para dar assistência aos produtores dentro da Central de Abastecimento e na zona de produção, através dos extensionistas da EMATER, além de oferecer orientação de mercado via Serviço de Informação de Mercado Agrícola - SIMA. Foi instalado ainda ali um sistema de varejo, que funcionava dois dias por semana, em que o produtor vendia seus produtos em quilo diretamente ao consumidor. Foi organizado um sistema de cadastro dos pequenos produtores e de todos os usuários do sistema.

Com a instalação da Central de Abastecimento, todo e qualquer produto oriundo do interior deste Estado ou de outros, teria que passar obrigatoriamente pela EMPASA e pagar a taxa de entrada de mercadoria, podendo depois canalizar os produtos para outros mercados.

A princípio, muitos produtores que comercializavam na Feira Central, resistiram, mas acabaram cedendo. Depois de algum tempo, porém, os produtores foram aos poucos se afastando do mercado, levando os produtos para a Feira Central porque adquiriam um banco ou mesmo pela antiga tradição de vender direto ao consumidor final. Outros passaram a comercializar direto na zona de produção, afastando-se dessa forma do sistema centralizador.

Todavia um pequeno grupo de produtores permaneceu no mercado, apesar de sentirem-se bastante prejudicados, principalmente por não terem condições de colocar no mercado hortifrutos, durante todo o ano, além da falta de incentivo dos órgãos ligados ao setor agrícola e da sazonalidade dos produtos. E, descapitalizados e com uma pequena parcela de terra, os produtores ficam impossibilitados de aumentar a área plantada, programar a produção e mesmo a rotatividade de culturas.

Em contrapartida, os intermediários rapidamente foram ocupando o espaço destinado ao produtor, chegando ao ponto de ficar o mercado semi-privatizado, sendo colocadas grades de proteção, para o produtor não ocupar aquele espaço. Por conseguinte, restou para os produtores apenas 10% da área; para ser distribuída com um grupo que ainda persistia no sistema.

A partir desse ponto, os produtores decidiram travar um embate com a EMPASA, encabeçado pelo Sindicato de Lagoa Seca e outros sindicatos do Agreste da Borborema, Brejo e Cariri, para que a Direção da EMPASA tomasse uma posição no sentido de chegar a um consenso e solucionar o impasse.

DIÁRIO DA BORBOREMA / CAMPINA GRANDE:

...A CEASA, depois de algum tempo, não era mais novidade. Os espaços destinados aos pequenos produtores para a comercialização foram paulatinamente ocupados pelos tubarões que estavam retraídos esperando só uma oportunidade para atacar. Tudo começou a ser

modificado e até o conjunto arquitetônico, um dos motivos de orgulho para Campina Grande, passou a ser agredido e às margens da Rua Dr. Vasconcelos, com a aquiescência do poder político começou a ser edificada uma favela. (11.03.1995)

2. Privatização do mercado e expulsão dos produtores.

Germano Félix

(produtor rural e dirigente sindical):

"A briga começou quando os grandes intermediários começaram a se apoderar do nosso espaço. Muitos chegaram lá com uma grande estrutura."

Nelson Anacleto

(produtor rural e dirigente sindical):

"A luta começou em 95, mais desde 90 que já havia atritos entre produtores e atravessadores pelo espaço, onde chegou a acontecer de usarem armas, ameaçando os produtores de morte. Em 94 e 95, a situação chegou a se agravar, porque o produtor chegava para colocar a mercadoria e encontrava uma grade de proteção. (Por conta das grades a situação se agravou) e quem autorizou foi a direção da EMPASA que vendeu o espaço."

Germano Félix

(produtor rural e dirigente sindical):

"Fizeram cercados para vender verduras e outros produtos, e jogaram os pequenos produtores e atravessadores para fora do mercado. E nós todos fomos vender os produtos ao lado do mercado na maior sujeira."

Nelson Anacleto

(produtor rural e dirigente sindical):

"... A CEASA alegava que ela é uma empresa para render lucro e o fato de permitirem aqueles camaradas cercarem a área, é que eles estão permanentes na CEASA e paga a taxa todo dia. Essa foi uma alegação que ninguém nunca nos convenceu, porque aquele mercado foi feito para o pequeno produtor."

Germano Félix

(produtor rural e dirigente sindical):

"... mas a CEASA nunca gostou da nossa presença lá... nós não damos lucro, pois não vamos todo dia. Lá não tem administração que seja pelo produtor e sim pelo lucro."

José Leal

(produtor rural e dirigente sindical):

"Veja bem, o produtor teve uma parcela de culpa quando perdeu o espaço, lá é uma empresa do governo, precisa crescer. Então quem está lá todo dia e paga a taxa, vai ter mais vez do que outro que paga de vez em quando. Por isso é que o atravessador foi se fixando e o produtor cada vez mais perdendo o seu espaço. Para ficar direto tenho que ser atravessador, mas sou trabalhador."

Ivandro Sales

(intelectual acadêmico):

“... Seria bem oportuno fazer uma distinção entre os conceitos de força de trabalho e trabalhador. Antes de sermos força de trabalho somos trabalhadores. E é bom que sejamos tratados como trabalhadores, que superemos a visão e prática capitalista que só nos tratam como força de trabalho. Força de trabalho é um conceito capitalista.” (1995; 02)

3. Objetivos, razões e estratégias.

Nelson Anacleto

(produtor rural e dirigente sindical):

“Bom, então nosso primeiro passo foi em dezembro de 94, quando foi formada uma comissão de produtores por iniciativa do sindicato dos trabalhadores rurais de Lagoa Seca, até porque a gente sabe que o município é quem mais ocupa espaço no mercado, depois de Boqueirão e Alagoa Nova. E fomos conversar com a direção da EMPASA, na época eles alegaram que não podia melhorar, tinha que ser assim, nada podia fazer, foi essa a resposta obtida. Então resolvemos convocar outros sindicatos, porque sabia que só a gente a luta seria fraca.”

Ivandro Sales

(intelectual acadêmico):

“Como lição a constatação de que os poderes (executivo, legislativo, judiciário) são, sobretudo, um serviço aos grupos dominantes.”

Germano Félix

(produtor rural e dirigente sindical):

“E daí aconteceram as primeiras discussões e os outros sindicatos ao total de oito se integra na luta.”

Nelson Anacleto

(produtor rural e dirigente sindical):

"E foi quando a gente decidiu partir para a luta em janeiro de 1995. Até então o apoio que nós tínhamos era do próprio movimento, sem apoio político. Nunca teve infiltração política no movimento da gente. Toda luta foi originada pelos agricultores. O fato da gente ser dirigente sindical e se preocupar é porque também somos agricultores. Como também muitos dos atritos foram comigo, porque muitos produtores ficavam intimidados."

Michel Foucault

(intelectual acadêmico):

"O papel do intelectual não é mais o de se colocar "um pouco na frente ou um pouco de lado" para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento na ordem do saber, da "verdade", da "consciência", do "discurso." (1993; 71)

Nelson Anacleto

(produtor rural e dirigente sindical):

"... eu ia levar a minha mercadoria e se acontecesse um atrito com um produtor, imediatamente procurava organizar e mobilizar os outros e abria a boca, mostrando nossos direitos como produtor."

Germano Félix

(produtor rural e dirigente sindical):

“E o pior é que os produtores estavam obrigados a vender em cima de um caminhão. Muitos trazem o produto no carro alugado, mas como não tinha espaço tinha que vender no caminhão pagando até dois fretes, já que não tinha onde colocar o produto, além da chuva. Os produtores ficavam no relento, foram vários prejuízos.”

4. Táticas e armas dos produtores familiares.

Nelson Anacleto

(produtor rural e dirigente sindical):

“Em 1995, tivemos uma reunião muito grande em Lagoa Seca com todos os sindicatos (Lagoa Seca, Esperança, Campina Grande, Alagoa Nova, Boqueirão, Massaranduba, Areial), e formamos uma comissão para conversar com a direção da EMPASA. Ficou novamente no banho-maria, com a mesma conversa de que não podia retirar as grades. Então percebemos que o intermediário tinha muita força política... Foi quando partimos para denunciar o fato na imprensa; a situação dos agricultores. Aí as autoridades começaram a se preocupar.

Em seguida fizemos um documento para o governador Antônio Mariz, para o Secretário da Agricultura e para todos os deputados estaduais. De forma que conseguimos levar o problema da EMPASA para uma discussão em termo de Assembléia Legislativa, e mais ou menos no mês de março o governador Antônio Mariz recebeu a comissão e contamos tudo o que o produtor estava passando e as nossas reivindicações.

E a partir de junho tivemos uma resposta que ia ser construído um novo mercado, mais depois o governador adoeceu e não tivemos mais nenhuma resposta.”

Ivandro Sales

(intelectual acadêmico):

“Comprovação de que tudo o que se conseguiu foi fruto da força dos produtores já organizados... reforço de convicção de que se deve começar a tomar em consideração os pontos de vista de todos os produtores engajados na luta, independente de sua filiação partidária e ideológica. (1995; 02)

Severino Moura

(produtor rural e dirigente sindical):

“Mais a luta continuava e no mês de abril fizemos um ato público na CEASA. Houve uma manifestação e ameaçamos de ocupar a praça da bandeira, caso não fosse atendido nossas reivindicações de tirar as grades de proteção colocado pelo atravessador e a construção de um novo mercado. E nós não queríamos sair do antigo mercado, eles é quem deveriam sair, mas faltou um apoio de resistência maior por parte dos produtores.”

Orlando Fals Borda

(autor intelectual):

“O campesinato tem conseguido equilibrar de algum modo a alienação em que tem vivido como parte de sua tradição e pode manter vivos movimentos que, apesar da contínua repressão, colocam em xeque governos reacionários, em determinados períodos. É então possível ver como, por meio da educação política, o senso comum dos

camponeses, gradualmente, adquire maior perspicácia e adota uma voz própria. Começa a se tornar "bom senso". Dá-se à luz aqui a uma nova tradição a um nível mais elevado de conhecimento, prático e élan vital." (1981; 53)

5. Construindo um novo Centro do Produtor.

Germano Félix

(produtor rural e dirigente sindical):

“Com toda denúncia na imprensa, o secretário manda um telegrama para o sindicato dizendo que ia construir o mercado. Não era o nosso objetivo principal mas acabamos aceitando.”

Nelson Anacleto

(produtor rural e dirigente sindical):

“Foi aí que eles, para tapear o produtor, construíram o novo mercado; que foi inaugurado no mês de outubro, e não criaram condições dos produtores se instalarem. Mas apesar de muitos produtores não acreditarem no Sindicato, conseguimos a construção do mercado. Essa luta foi fruto de uma conquista, não existe vitória, o importante foi que conseguimos lutar com a participação de muitos e contra os que pouco interesse tinha naquele momento.”

Gramsci

(intelectual acadêmico):

“O homem não entra em relação com o mundo natural apenas por ser parte dele, mas o faz, ativamente, através do trabalho e da técnica. Mais ainda: estas relações não são mecânicas. Elas são ativas e conscientes (...) cada um de nós se modifica, e isto até onde

modificamos e combinamos as relações complexas das quais somos o núcleo central. Neste sentido, o verdadeiro filósofo é - e não pode ser outro - o político; o ativista que transforma o ambiente que o cerca, entendendo-se por ambiente o conjunto dessas relações do qual participamos. Se a individualidade é o conjunto dessas relações, criar uma personalidade é adquirir a consciência delas; modificar uma personalidade significa mudar o conjunto dessas relações.” (Apud JOLL, 1977;70)

Nelson Anacleto

(produtor rural e dirigente sindical):

“Diante de toda essa denúncia feita através da imprensa é preciso que eu diga: nós aceitamos a construção do mercado, mas não era a nossa proposta principal. Aceitamos porque houve resistência muito grande e fraqueza dos produtores e não foi dado o apoio da forma que precisávamos.”

Ivandro Sales

(intelectual acadêmico):

“Participação é bem mais do que consulta. É o exercício de poder fazer valer interesses mais fundamentais. É a vivência da importância social. É se fazer tomar na devida consideração.” (1987; 61)

6. Ocupando o Mercado.

Germano Félix

(produtor rural e dirigente sindical):

"... houve um impasse para a ocupação do mercado porque o que a direção da EMPASA dizia é que o sindicato brigou pelo mercado e agora o produtor não quer ocupar o espaço. Eles começaram a jogar em cima dessas coisas e ficou difícil reunir todos os produtores e levar para lá, pois eles ficavam com medo de ir e não ter a quem vender; já que os pequenos atravessadores lá não iam.

Nelson Anacleto

(produtor rural e dirigente sindical):

"O mercado do produtor, o novo, foi inaugurado no mês de outubro/95. Com um mês depois, já se sentia na pele a irresponsabilidade da EMPASA como se tivesse apenas calando a nossa boca; um mercado totalmente sem estrutura. Então, em outra reunião, entre produtores, direção da EMPASA e o Secretário da Agricultura para que o mercado fosse ocupado o mais rápido possível, nos jogaram num canto da parede."

Germano Félix

(produtor rural e dirigente sindical):

"Ficou acertada a ocupação e agente entrou em acordo com a direção e o Secretário. Ele deu quinze dias para ocupar o galpão, sem pagar as taxas até dezembro. E ficou acertada a nossa ida junto com os pequenos atravessadores."

Nelson Anacleto

(produtor rural e dirigente sindical):

"Houve muitas divergências. Tinha camarada do sindicato e produtores que queriam só produtores no mercado, outros queriam também atravessadores. Infelizmente, por não ter organização, ele ainda depende do atravessador. O inimigo da gente não é o pequeno atravessador nem o atacadista, é o grande intermediário."

Marcelino Moraes

(produtor rural):

"Eu penso assim, que o produtor precisa do atravessador, porque ele não quer perder tempo. O pior de tudo é a desorganização do produtor e, segundo, a direção da EMPASA que só está preocupada com as taxas e o lucro. A EMPASA é quem come nosso suor."

Vicente Abílio

(produtor rural):

"Eu acredito que hoje o produtor pode lutar por coisa melhores, temos um sindicato forte."

Gramsci

(intelectual acadêmico):

“...não existem organizações sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes, sem que o aspecto teórico da ligação teoria-prática se distinga concretamente um estrato de pessoas “especializadas” na elaboração conceitual e filosófica.” (APUD PORTELLI, 1982; 21)

Afonso Félix

(produtor rural e dirigente sindical):

“Nós aceitamos ficar no mercado do produtor com o atravessador, que foi construído para nós com o esforço do sindicato, porque eles é quem compra os nossos produtos. E demorou tanto a ser ocupado, pois ficamos com medo de ir e não ter para quem vender. Então resolvemos levar os atravessadores.”

Paulo Ferreira

(produtor rural):

“Nosso sindicato já tem tentado ajudar nas nossas dificuldades e nós já temos um melhor esclarecimento de como produzir e comercializar, mas muita coisa precisa mudar. Mas não podemos deixar o campo e fazer só comércio.”

7. Lições da luta.

José Leal

(produtor rural e dirigente sindical):

“Eu acho que com a construção do novo mercado, o produtor resistiu para ocupar com medo, então pediram a presença dos atravessadores. Eu tenho medo que o produtor acabe perdendo o espaço novamente. É preciso ter mais zelo pelas conquistas, se fixar quem pode ir ao mercado vender seus produtos.”

Nelson Anacleto

(produtor rural e dirigente sindical):

“Algumas coisas que aconteceram foi falta de um estudo porque achava que todos os agricultores eram iguais em interesses e está provado que não... E nós não levamos isso em consideração, aí fica difícil você canalizar para novos projetos.

Porque tem produtor que chega e volta logo, tem outros que permanecem mais tempo, outro que chega lá e vende logo. E isso foi o problema pior de resolver, uns queriam ir com o atravessador e outros não queriam.”

Gramsci

(intelectual acadêmico):

“Se a relação entre os intelectuais e o povo - nação, entre dirigentes e dirigidos, é o resultado de uma participação orgânica na qual sentimentos e paixão se tornam em compreensão, logo em conhecimento (...) então, e somente então, este relacionamento tem caráter de representação. Somente então ocorre uma troca de elementos individuais entre líderes e liderados, governantes e governados, isto é, a concretização de uma vida em comum que por si mesma é uma força social.” (Apud JOLL, 1977; 78)

Severino Ramos

(produtor rural):

“O problema é o seguinte: o espaço lá hoje já está pequeno, com problema de lotação.”

Germano Félix

(produtor rural e dirigente sindical):

“Tem gente lá que é produtor e compra em grosso diariamente. São produtores/atacadistas, mas não compram o produto a nós, eles compram do usineiro em Pernambuco. Não compra o produto da região, nem de Lagoa Seca e Alagoa Nova.”

Severino Moura

(produtor rural e dirigente sindical):

“O problema é que a EMPASA só pensa em lucro. E como tinha parte do mercado sem ocupar todo, então eles trouxeram logo o pessoal da banana que comercializava no antigo mercado do produtor. Bom, aí são aqueles que são permanentes mas existe uma distância. Mas existe uma tendência do produtor ceder seu espaço, pois no momento não tem peso de base nos vários municípios. Os interesses divergem; nós podemos estar brigando pelo espaço e ter produtores que preferem vender no sítio.”

Nelson Anacleto

(produtor rural e dirigente sindical):

“Nós estamos brigando para melhorar as estruturas do atual mercado... Não adianta mais estar brigando por espaço e o atravessador pegando carona, pois vai servir para o atravessador e a EMPASA dá o apoio pois só quer lucro. O produtor não quer se separar do pequeno atravessador, o discurso da luta tem de ser unificado. O bom era ter um lugar mesmo que não funcionasse todos os dias, só para o produtor. Nós temos que garantir pelo menos nosso espaço.”

Marcelino Morais

(produtor rural):

"Quando foi inaugurada a CEASA, era bem melhor ter um funcionário para organizar tudo bem direitinho, dizendo como os produtos deviam ser colocados. Nunca a direção ajudou a nós."

Nelson Anacleto

(produtor rural e dirigente sindical):

"... hoje eu não puxo mais a luta só nós do sindicato... Temos que analisar bem direitinho para identificar as deficiências... Nossa proposta é futura, começando da base... A EMPASA é uma briga de siri e de correlação de interesses. Nós nunca sonhamos que ali resolvesse nosso problema de comercialização. É o único espaço que temos e o produtor não está organizado no aspecto da comercialização. Bem ou mal ele está lá, sendo paliativo e nunca solução. Ali a gente só comercializa individual e nada coletivo.

A solução, portanto, é que o produtor comece a se organizar, precisamos trabalhar a base e discutir formas de comercialização."

Gramsci

(intelectual acadêmico):

"O modo de ser dos novos intelectuais não pode mais consistir apenas na eloquência, movente, externo e momentâneo de sentimentos e paixões, mas na participação ativa, na prática, como construtor, organizador, "permanente persuasor", e não simplesmente um orador."

(Apud JOLL, 1977;72)

Severino Moura

(produtor rural e dirigente sindical):

"O homem do campo tem de se organizar. Apesar de nossas organizações hoje ter avançado um pouco, isso para nós não é nada diante de tantas coisas que precisamos alcançar. Nesse Nordeste rico, o produtor podia ter um padrão de vida melhor. Nós estamos como touro brabo no mato, tem muita força mas não sabe que tem... Nós temos que se colocar que somos capaz de resolver nossos problemas. Só que precisamos resolver juntos e chegaremos onde queremos. Quando o pequeno acreditar no pequeno e somar forças para conquistar o direito que ele tem, aí temos uma luta encampada e vitoriosa."

Nelson Anacleto

(produtor rural e dirigente sindical):

"No nosso município estamos concluindo um diagnóstico sobre a produção do município de Lagoa Seca e já dá para perceber que fora da porteira, do âmbito da produção, o grande problema do pequeno produtor é a comercialização.

Se tivesse uma cooperativa era melhor, porque quanto mais você vende o produto para ele "boiado" mais ele enrica, quanto mais o produto está em alta diminui a margem de lucro do intermediário. Ele aposta na desgraça do agricultor.

Finalmente, eu acho que o problema da comercialização vai continuar, acho que é um trabalho para se fazer bastante lento... Deve ser

encarado pelas organizações e associações de produtores e só se resolve se tiver a consciência de lucro para todos e não individualmente e a luta vai continuar.”

Ângela Maria

(autora da dissertação):

Todavia vale ressaltar: cada relato é uma história de sonhos, reivindicações, protestos, de frustrações no ambiente da produção e comercialização. São histórias variadas e trazem a especificidade política e social do setor econômico ao qual estão inseridos todos os informantes.

Cada entrevista é uma história e, no conjunto, percebemos que a pedra fundamental da força aglutinadora de solidariedade e organização dos trabalhadores foi a busca de recuperação da dignidade pessoal, a reconquista do espaço de um segmento tão importante como a comercialização. É a conquista pelos direitos básicos diante do arbítrio e do autoritarismo imposto pelo sistema.

8. E a luta continua...

Ângela Maria

(autora da dissertação):

O novo mercado do produtor foi inaugurado e imediatamente foi solicitado pelos produtores todo empenho da EMPASA no sentido de que, o mercado funcionasse a contento; com toda infraestrutura para se comercializar hortifrutos, principalmente porque são perecíveis.

Foram solicitadas ainda a realização de um cadastro de todos os produtores da microregião do Agreste da Borborema, Cariri e Brejo, a orientação na acomodação e arrumação dos produtos, além da divulgação do funcionamento do mercado através da imprensa. Tudo foi devidamente planejado.

Contudo, a EMPASA não tomou as medidas administrativas solicitadas pelo pólo sindical dos municípios integrados na luta os quais canalizam hortifrutos para a Central de Abastecimento, prejudicando desta forma, sensivelmente, os produtores que até então continuavam comercializando no antigo mercado, apesar dos problemas de espaço. Como consequência, nova mobilização foi feita, e novamente foi enviada correspondência para o Secretário da Agricultura e direção da EMPASA, para que desse o apoio logístico, transferindo os produtores e pequenos atravessadores para o novo mercado bem como a conclusão do galpão, destinado ao produtor.

Nelson Anacleto

(produtor rural e dirigente sindical):

“O mercado foi inaugurado e ocupado sem nenhuma estrutura. Mais ou menos no final de fevereiro/março de 1996, fizemos uma reunião com o Secretário da Agricultura e toda direção da EMPASA, e levamos a imprensa lá. Foi na primeira chuva do mês de março, ficando comprovada a incompetência do engenheiro, porque a forma de construir o mercado foi totalmente errada. Primeiro porque a chuva e o vento são fortes e ocupam 50% do mercado, dando muito prejuízo para o produtor, pois apodrece todo o produto. E até agora nada foi resolvido.”

Pedro Pereira

(produtor rural e dirigente sindical):

“Nós solicitamos a construção das laterais do mercado, por causa da chuva e o vento, a conclusão da plataforma de desembarque dos produtos, que fica pior com a chuva e a definição das normas de trânsito (sinalização). Queremos que seja criado um conselho de usuários da EMPASA, pois sendo assim participa todos os representantes das categorias que fazem comércio na EMPASA.

Eric René Durosset

(intelectual acadêmico):

“A noção de participação é extremamente delicada e diversificada. Ela pode se realizar concretamente através de múltiplas situações. Às vezes, é sinônimo de colaboração, refletindo uma relação de poder: é o caso quando os agricultores aplaudem os organizadores de uma reunião. Ela pode ser igualmente sinônimo de contestação (por exemplo quando os produtores se expressam falando murmúrios). Mas sobretudo, ela pode ser utilizada pelos organizadores das intervenções como técnica de poder. Confundindo “participação” e “colaboração”, pode ser utilizada como meio de justificar uma intervenção. Deste modo as decisões tomadas em uma reunião de informação têm aparência de legitimidade, porque elas foram oficialmente “discutidas democraticamente.” (1996; 48)

Ivandro Sales

(intelectual acadêmico):

“Participação é o poder de definir e redefinir os fins e os meios. É ter o que dizer sobre os objetivos e os meios para alcançá-los. A participação, ou poder coletivo de definir o que produzir, como produzir e para quem produzir desaprisionará a cooperação.” (1989; 34)

Nelson Anacleto

(produtor rural e dirigente sindical):

"Foi mostrado ao Secretário nessa mesma reunião, que o mercado já era insuficiente; foi feito em tamanho pequeno, é um verdadeiro cala boca dos produtores. Mas o secretário assumiu os três compromissos solicitados e estamos até hoje esperando."

Germano Félix

(produtor rural e dirigente sindical):

"Estamos esperando que sejam cumpridas as promessas do Secretário; pois a EMPASA não tem interesse."

Nelson Anacleto

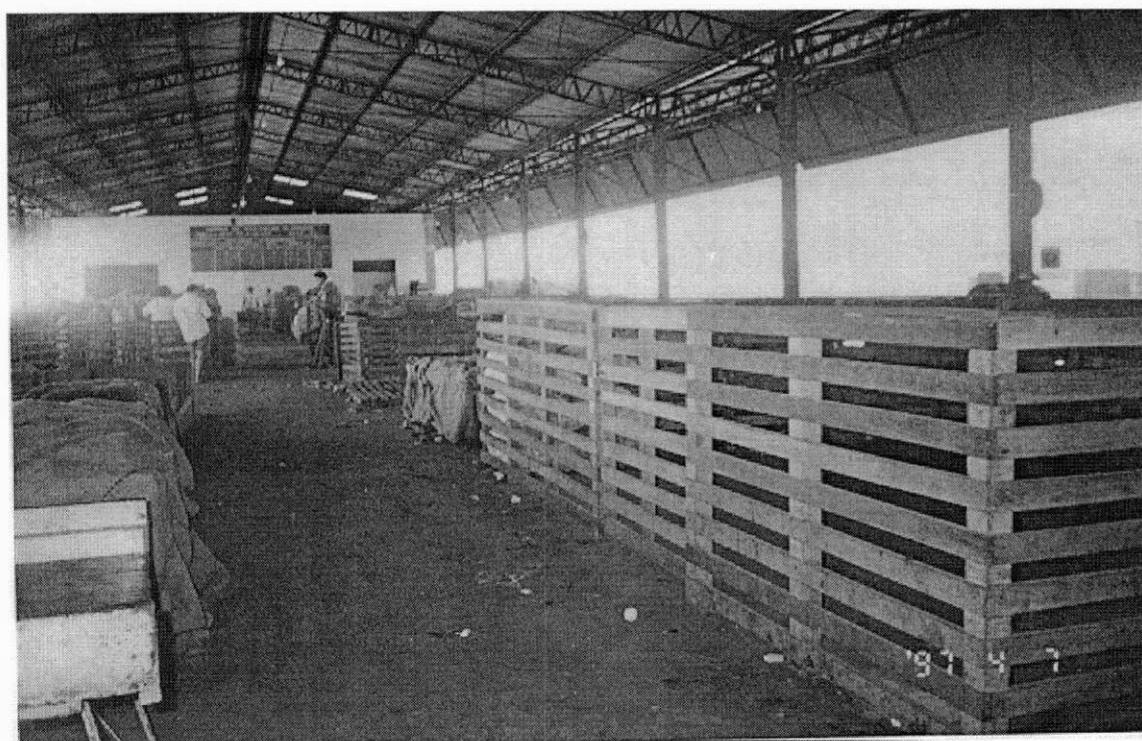
(produtor rural e dirigente sindical):

"E agora novamente estamos levando um novo documento para a direção da EMPASA local, para que providências sejam tomadas, no sentido de que seja concluída toda infraestrutura do mercado, situação que vai ficar muito ruim com a chegada das chuvas. Está havendo uma insatisfação de todos os que comercializam no mercado.

Hoje, dia 12 de março de 1997, o Pólo sindical está entregando esse documento na EMPASA local, na certeza de ter nossas reivindicações atendidas, e vamos continuar a luta, produtores, pequenos atravessadores e Pólo Sindical..."



O primeiro Centro do Produtor em funcionamento (1993).



Em 1995 são colocadas grades e os produtores são expulsos. Em 1997 ainda permanecem as grades colocadas por intermediários.

Objetivos, razões e estratégias



Após expulsão, produtores ocupam os espaços periféricos do mercado do produtor para poder comercializar seus produtos.



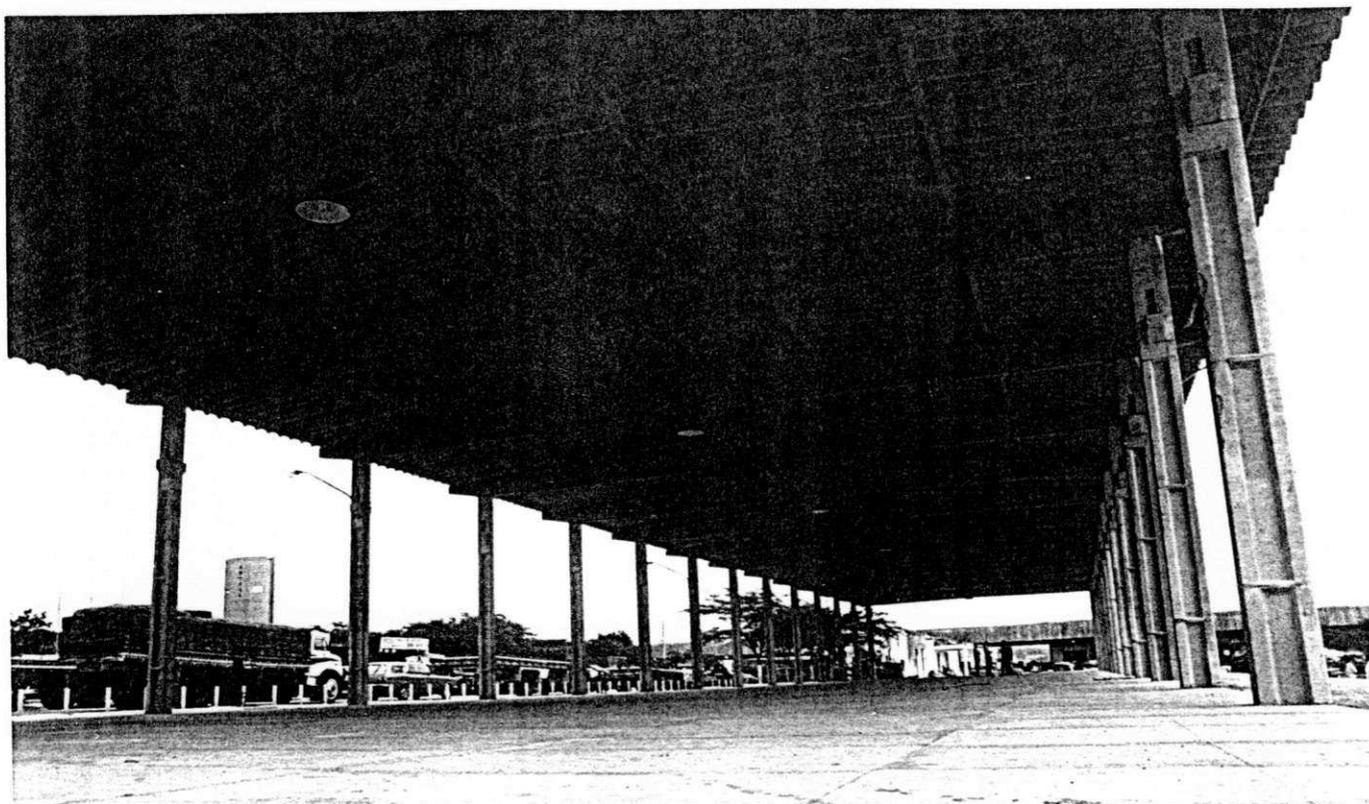
Produtores em assembléia no pátio da EMPASA protestam contra a colocação das cercas.

Táticas e armas dos produtores.



Reunião dos produtores no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca (1995).

Ocupando o novo mercado



Novo Centro do Produtor (1996).



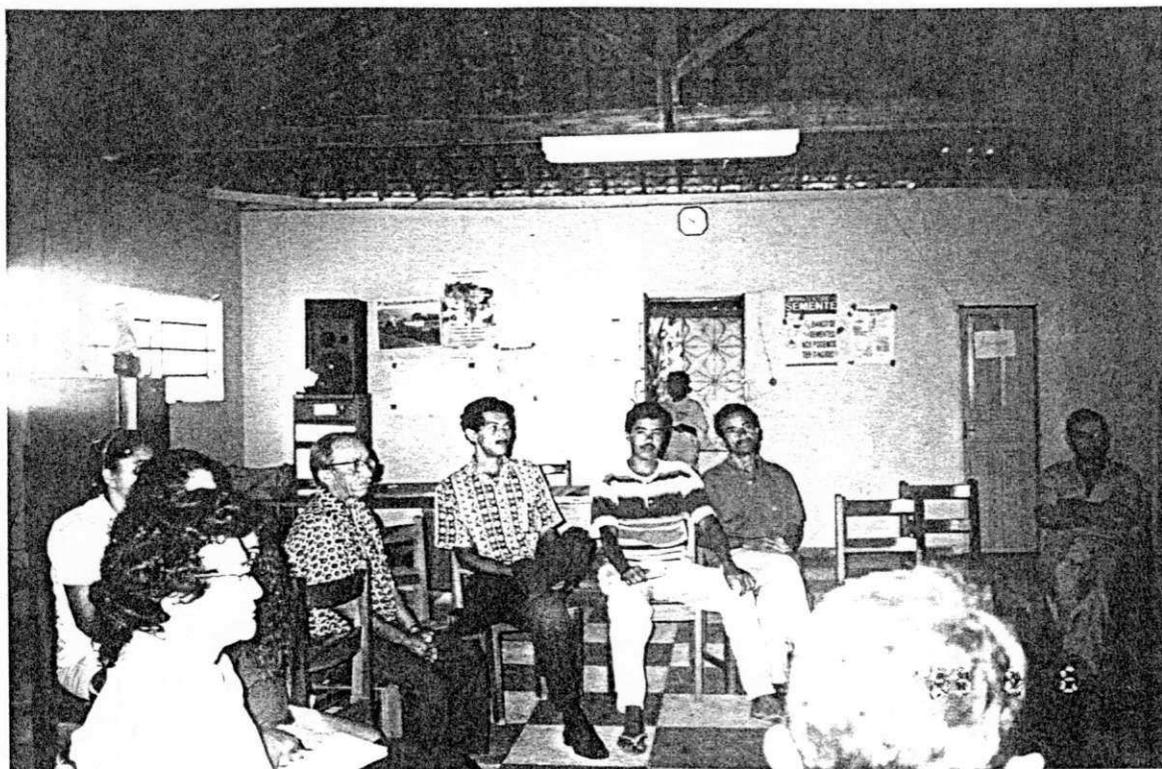
Novo Centro do Produtor em plena atividade (1997).

Lições da luta



O Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca, Nelson Anacleto, em reunião com produtores (1997).

E a luta continua



Reunião dos produtores do Sindicato dos Trabalhadores Rurais em Lagoa Seca sobre a luta. (1997)



Nelson Anacleto, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca, reunido com a diretoria de associados. (1997)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“As palavras, inclusive as científicas, têm o poder enfeitiçante. Às vezes é necessário recuperar os olhos virgens para ver as coisas como se fossem pela primeira vez.”

(Rubem Alves)

A abordagem da luta que acontece no momento da comercialização foi desenvolvida em dois espaços distintos: o mercado do produtor/EMPASA e a zona de produção. Nestes dois espaços, atuam os produtores familiares em diferentes categorias de intermediários.

Identificados os espaços e protagonistas desta “luta da comercialização”, procurei analisar as armas, estratégias de todos os agentes envolvidos no processo e o resultado da luta. Desta forma foi possível trazer à tona as relações que se estabelecem entre eles.

A opção escolhida para apresentar estas relações foi o diálogo. A partir do material recolhido durante as pesquisas de campo e bibliográfica, foi possível fazer com que produtores familiares, intermediários, atacadistas, feirantes e intelectuais acadêmicos participassem de um debate. Neste diálogo/debate

procurei atuar como articuladora, provocando, contestando, confirmando, ilustrando e enriquecendo a conversa.

Neste momento, gostaria de apresentar pontos relevantes que chamaram à minha atenção neste diálogo.

Os produtores não recebem uma orientação adequada para a comercialização, de forma que contribua para qualificar a luta de fazer valer o seu trabalho.

A Central de Abastecimento aparece como principal canal de escoamento da produção, ali o produtor vende o seu produto individualmente a intermediários. Nas suas dependências, a Central de Abastecimento não conta com nenhum local para armazenar o produto não comercializado pelos produtores.

Os produtos não são padronizados e classificados, não sendo por conseguinte possível contar com uma orientação adequada na arrumação, acomodação e embalagem dos produtos na EMPASA. Esses são colocados no chão ou sobre estrados, sem as condições mínimas de higiene.

Os produtores reclamam dos preços dos seus produtos, da mesma forma que os intermediários reclamam das dificuldades para comercializá-los. Todos parecem vítimas de um processo de comercialização capitalista.

Embora a relação dos produtores com os intermediários seja um tanto complicada, no sentido de que existe exploração, eles consideram importante a participação dos intermediários na comercialização, pois esses garantem a compra de seus produtos, além do fato de serem parentes e morarem na mesma cidade.

Ao mesmo tempo que reclamam da venda barata de seus produtos, alegam que não têm condições de se ausentar do campo para vender seus produtos na EMPASA, já que não podem deixar o sítio abandonado, pois os filhos migraram para os grandes centros do país.

Alguns produtores não querem comercializar seus produtos fora da zona de produção, porque deixariam de ser produtor e se transformariam em atravessador. É bom, entretanto, considerar que quem vende não vira intermediário obrigatoriamente.

Os produtores não vêem os atacadistas como antagonistas nesse contexto em que se apresenta a comercialização na área em estudo. Será que não estão camufladas as manipulações embutidas nas relações produtores - intermediários.

É bem visível a participação dos dirigentes sindicais e de associações de produtores em todo processo das lutas, mas ainda não é muito visível a participação da base.

É bom ressaltar que a venda na zona de produção aparece como um canal de comercialização.

Os produtores procuram se informar dos preços através do SIMA, que oferece boletins diários com cotação de preços a nível de atacado dos produtos comercializados na EMPASA, o que serve de parâmetro na hora de efetuar a venda dos seus produtos.

Os produtores preferem efetuar a venda dos seus produtos aos intermediários permanentes na EMPASA, porque o pagamento é efetuado na hora e esses agentes estão diariamente no mercado. Já no caso de venda aos feirantes o pagamento é efetuado após o término da feira e corre o risco de não receber, caso o resultado da feira não seja positivo.

Termino fazendo algumas considerações e sugestões sobre a luta dos produtores.

Existem os problemas inerentes a uma sociedade produtora de mercadoria, onde tudo que é valor de uso ou utilidade é transformado em mercadoria, visando à apropriação do trabalho não pago embutido em cada uma dela. A solução dos problemas da comercialização estaria na construção de uma sociedade em que trabalhadores, instrumento de produção e matéria-prima não se tornassem capital variável e constante, mas fossem considerados como elementos de produção de utilidades para a sociedade. Está, então, em questão um modo diferente de organizar a sociedade.

"Em vez de produzir mercadorias para o mercado para se obter lucro gerado pelo trabalho não pago, criaremos um modo de produzir bens e serviços para a sociedade. Ser trabalho e não força de trabalho."
(SALES, 1996; 80)

A comercialização, na área carece de um estudo mais minucioso de todo o circuito de produção e comercialização, conseqüentemente da participação/relação produtores associados.

Faz-se necessário o reforço da organização dos produtores como instrumento de poder objetivando fazer valer o seu trabalho.

Parece urgente uma aproximação entre direção e base nas lutas empreendidas pelos produtores no campo da comercialização de seus produtos.

É preciso ter uma proposta concreta para os produtores familiares, tomando em consideração sua maneira de sentir, agir e pensar.

"Não temos um agricultor preocupado apenas com o "como fazer", mas também com o "por que fazer" determinada prática agrícola. Essa conjugação saber empírico/saber científico é expressa como a necessidade de teoria e prática caminharem juntas."

(CAUME, 1996; 49)

É necessário ter condições de definir e redefinir os caminhos a serem trilhados, para efetuar a sua comercialização, haja visto que o primeiro passo já foi dado, na luta pelo espaço perdido no Mercado do Produtor/EMPASA iniciada pelo pólo sindical do Agreste, Brejo e Cariri Paraibano, numa união forte e bastante definida em todas as etapas da luta.

“É bom deixar de pensar que a organização é fruto de mobilização, conscientização, técnicas de trabalho com o grupo etc. As pessoas se reúnem para tentar afirmar determinados interesses. A questão fundamental da organização está no modo participativo de descobrir e realizar o que interessa. Mas nem os técnicos nem os produtores sabem de modo imediato o que lhes está interessado, só com a consulta confronto sobre o que fazer e sobre o modo de conseguir o que está perseguindo é que vai gerar e definir a organização dos pequenos produtores.” (SALES, 1983; 42)

Acredito ter iniciado um debate com produtores familiares, intelectuais acadêmicos, intermediários e feirantes sobre a comercialização da produção familiar no município de Lagoa Seca. Espero contar com outros aliados que possam se integrar para que juntos possamos encontrar alternativas para subsidiar os movimentos sociais.

Tudo que desejo é contribuir com a luta, não só através da pesquisa, mas por meio de uma participação efetiva no processo, através dos conhecimentos

adquiridos no Mestrado em Sociologia Rural com os intelectuais acadêmicos, e dos conhecimentos adquiridos como técnica da EMPASA, nos embates diários.

Gostaria de esclarecer que não pretendo concluir nada: apenas pontuar e avaliar toda riqueza das lições recebidas dos intelectuais acadêmicos e populares, numa troca de saberes. As reflexões sobre a luta e seu contexto que tive a oportunidade de aprofundar, como também amadurecer outras tantas.

Tenho a intenção incessantemente de continuar aprofundando os conhecimentos, para, a partir de então, ter condições de colaborar com o amadurecimento da luta e o enriquecimento pessoal, pois é algo que me dá prazer. Desejo ver os produtores familiares na busca incessante por um "lugar ao sol" a fim de que possam encontrá-lo antes do anoitecer...

5. BIBLIOGRAFIA

ACCARINI, José Honório:

- 1987 “*Economia rural e desenvolvimento - reflexões sobre o caso brasileiro*”.
Petrópolis: Vozes.

BRUM, Argemiro Luís:

- 1983 “*A comercialização no contexto econômico - o caso da agropecuária*”.
Petrópolis: Vozes.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues:

- 1988 “*Pesquisa participante*”. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense.

BARREIRA, César:

- 1992 “*Trilhas e atalhos do poder - conflitos sociais no Sertão*”. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Rio Fundo.

BORDA, Orlando Fals:

- 1981 “*Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular*. In: Pesquisa Participante. Carlos Rodrigues Brandão. 7ª edição, São Paulo, Brasiliense.

BRASIL, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística:

- 1983 “*Censo Agropecuário - Paraíba*”. Rio de Janeiro.

BRANDT, Sérgio Alberto:

1980. “*Comercialização agrícola*”. Piracicaba: Livroceres, São Paulo.

CÂNDIDO, Antônio:

1975 "Os parceiros do Rio Bonito". 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Duas Cidades.

FREITAS, Geovani Jacó de:

1993 "O ser e o ter: camponeses, práticas tecnológicas e políticas - um estudo em Lagoa Seca - PB". UFPB. Dissertação de Mestrado em Sociologia.

FREIRE, Paulo:

1983 "Extensão ou comunicação?" 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FORMAN, Shepard:

1979 "Camponeses: sua participação no Brasil". Rio de Janeiro: paz e Terra.

FOUCAULT, Michel:

1979 "Microfísica do poder". 11ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.

GRAMSCI, Antônio:

1978 "Concepção dialética da história". 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GARCIA, Marie France:

1984 "Feira de trabalhadores rurais - as feiras do brejo e do agreste paraibano". Rio de Janeiro, UFRJ. Tese de doutorado em antropologia social do Museu Nacional.

JOLL, James:

1977 "As idéias de Gramsci". São Paulo: Editora Cultrix Ltda.

LAMARCHE, Hughes (coord.):

1993 "A agricultura familiar: comparação internacional". Campinas: Editora Unicamp.

LINDOSO, Felipe José:

- 1983 "O campesinato e o mercado - circuitos comerciais e reprodução camponesa". Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de mestrado em antropologia do Museu Nacional.

MACHADO, Roberto:

- 1985 *Nietzsche e a verdade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco.

MARTINS, José de Souza (org.):

- 1981 "Introdução crítica à sociologia rural". 2ª ed. São Paulo: Hucitec.

- 1975 "Capitalismo e tradicionalismo". São Paulo: Pioneira.

MARX, Karl:

- 1996 "Para a crítica da economia política do capital". O rendimento e suas fontes (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural.

- 1994 "O Capital - crítica da economia política" - livro 1. O processo de produção do capital. Vol. 1. 14ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A.

MARQUE, Pedro Valetim & AGUIAR, Danilo Rolim de:

- 1993 "Comercialização de produtos agrícolas". São Paulo: EDUSP.

MELLO, Antônio Carlos Pires de:

- 1985 "Todos têm certas coisas na cabeça e querem atuar". Campina Grande - PB: UFPB. Dissertação de mestrado em sociologia Rural.

MUSUMECI, Leonarda:

- 1988 "O mito da terra". São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda.

PACHECO, Maria Emília Lisboa:

- 1980 "Pequena produção sob o domínio do capital comercial e usuário". Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de Mestrado em Antropologia.

PAULA, Nilson Maciel de:

- 1983 "*Os camponeses e a intermediação comercial - um estudo sobre as relações mercantis dos pequenos produtores do sudoeste paranaense*".
Rio de Janeiro - RJ: UFRJ.

PORTELLI, Hugues:

- 1977 "*Gramsci e o bloco histórico*". 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

SALES, Ivandro da Costa:

- 1981 "*Pesquisa - confronto sobre cultura popular*". In: Pesquisa Participante.
Carlos Nelson Rodrigues. 7ª edição, São Paulo, Brasiliense.

SANDRONI, Paulo:

- 1980 "*Questão agrária e campesinato - a funcionalidade da pequena produção mercantil*". São Paulo: Polis.

THIOLLENT, Michel:

- 1988 "*Metodologia da pesquisa ação*". São Paulo: Cortez. Autores
Associados.

WILKINSON, John:

- 1986 "*O Estado, a agroindústria e a pequena produção*". São Paulo: Editora
Hucitec.

REVISTAS E PUBLICAÇÕES AVULSAS

COSTA, Beatriz.

- 1989 "*Trabalhadores associados na produção: um modo de pensar a sua luta*". In: Cadernos de Educação Popular. Petrópolis, p. 15.

CASTRO, Fidel:

- 1992 "*Mensagem de Fidel*". Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Rio de Janeiro.

CAUME, David J.:

- 1995 "*A construção social de um outro ofício de agricultor - tecnologia, meio ambiente e produção familiar no Brasil*". In: Cadernos do CEAS - Salvador. P. 49, nº 156.

DAL-ROSSO, Sadi e SALIM, A. Celso:

- 1980 "*Pequena produção e custos de reprodução da força de trabalho: crítica e hipóteses alternativas*". In: Série sociológica. Nº 21, Brasília.

DIAS, José Fernandes

- 1995 "*Trabalho e sindicalismo no cenário da terceira revolução industrial*". In: Caderno do CEAS. Salvador, nº 156, p. 19.

DUQUÉ, Ghislaine:

- 1985 "*Estrutura fundiária e pequena produção - um estudo de caso no Cariri Paraibano*". In: Raízes. Campina Grande, nº 3-4, p. 168-196, jan. 1984/dez.

DUROUSSET, Eric René Jean:

- 1996 "*O que é participar - o exemplo de uma reunião para implantação de um programa de irrigação no Cariri da Paraíba*". In: Raízes. Campina Grande, nº 12, p. 33-49.

GALINDO, Osmil e MACEDO, Werter:

- 1994 "*Assentamentos de reforma agrária no Maranhão e no Ceará: análise de alguns aspectos sócio-econômicos*". In: Raízes. Campina Grande. Nº 9, p. 01-06.

MARTINS, Mônica:

- 1987 "Formas de organização dos trabalhadores rurais no processo de comercialização". Documento reproduzido pelo programa de treinamento rural SUDENE/PNUD/BIRD. Recife.

MEDEIROS, Marilda Aparecida:

- 1994 "As estratégias de sobrevivência dos pequenos produtores: o caso das migrações". In: Raízes. Campina Grande. Nº 9, p. 17-37.

MEDEIROS, Leonilde et alli:

- 1995 "Agricultura familiar e desenvolvimento democrático: notas de uma viagem à Alemanha." - IBASE - pão para o mundo. Rio de Janeiro.

PEIXOTO, Carlos Alfredo:

- 1987 "Os problemas da pequena produção rural: uma contribuição para seu entendimento e para a busca de soluções". Documento reproduzido pelo Programa de Treinamento Rural SUDENE/PNUD/BIRD. Recife.

SALES, Ivandro da Costa et alli:

- 1987 "Metodologia de aprendizagem da participação e da organização de pequenos produtores". Caderno CEDES. São Paulo, Brasiliense, p. 12.

SALES, Ivandro da Costa:

- 1989 "Trabalhadores associados na produção/comercialização/ distribuição e na política". In: Caderno de Educação Popular. Petrópolis, nº 15, p. 28-43.
- 1996 "O servidor público no aparelho governamental do Estado: como acertar no que lhe interessa". Pesquisa encomendada pelo sindicato pelos servidores públicos federais de Pernambuco (SINDESEP/PE). Oficina do Saber, p. 80.

SALES, Ivandro et alli:

1988 "Lições de nossa prática: um manual participativo de capacitação". 2ª ed., Natal.

SAMPAIO, Yony (coord.) e SOUZA, Hermínio Ramos de:

1987 "Comercialização de produtos agrícolas: uma revisão da literatura recente". Documento reproduzido pelo Programa de Treinamento Rural SUDENE/PNUD/BIRD. Recife.

STECHER, Karl Heinz:

1995 "Sobre o preço justo: cultura camponesa e dinheiro". In: Raízes. Campina Grande, nº 11, p. 131-132.

SOUZA, Hermínio Ramos et alli:

1987 "Sistemas de comercialização no Agreste de Pernambuco". Documento reproduzido pelo Programa de Treinamento Rural SUDENE/PNUD/BIRD. Recife.

ANEXOS.

21.02.1995.

Favelização da Empresa pode levar governo a optar por privatização

“Ou nós transformamos a Empresa em uma sala de visita da Secretaria da Agricultura, que deve ser o seu papel, ou não teremos outra opção senão partirmos para a sua privatização”. A declaração é do Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado, Marcondes Gadelha que esteve ontem em Campina Grande para fazer uma avaliação do setor, após tomar conhecimento da sua total favelização na cidade.

Segundo Marcondes Gadelha, a finalidade de sua presença em Campina Grande era a de colocar ordem na Empresa, já que segundo ele chegou ao seu conhecimento a bagunça aliada a favelação estaria transformando o órgão na Rainha da Sucata. “Diante disso, a Secretaria não poderia ficar alheia a esta situação, já que a comercialização é um processo muito nobre de modo que a Empresa tem que passar por uma reformulação e por isso

o que estamos aqui para discutir com os usuários e com os técnicos da Secretaria para chegarmos a uma conclusão quanto ao problema. Do contrário, partiremos para a privatização.

O secretário de Agricultura garantiu que na sua administração, o produtor terá prioridade número um, já que sem ele não existiria a atravessadores que para muitos se constituem em um câncer, no entanto, o secretário explicou que não poderia enxortá-los já que muitas vezes o produtor não consegue fazer este trabalho, ou seja colocar seus produtos na Empresa sem a ajuda de intermediários.

No tocante a distribuição de sementes, Marcondes Gadelha disse que o trabalho se desenvolve normalmente por todo o Estado, principalmente na região do sertão paraibano, onde os agricultores já haviam recebido as sementes antes do inverno. Basicamente estão sendo distribuídas sementes de feijão, milho e algodão.



Muitas mercadorias vêm sendo comercializadas na rampa de acesso ao mercado

Falta de espaço prejudica comerciantes da Empresa

A falta de espaços físicos no mercado produtor da Empresa Paraibana de Abastecimento e Serviços Agrícolas (ex-Ceasa), vem causando uma revolta generalizada aos produtores da região da Borborema que, ao chegarem no local, encontram dificuldades para expor os seus produtos.

De acordo com depoimentos de alguns produtores da Empresa - Regional de Campina Grande - a situação no mercado produtor é muito delicada, tendo em vista muitos produtores de cidades circunvizinhas não encontrarem espaços para a exposição e, conseqüentemente, a venda de suas mercadorias, obrigando-os assim, a disputarem - às vezes na discussão - as passagens entre os bancos fixos e até mesmo outras áreas destinadas ao tráfego de carros e pedestres.

Os produtores reclamam a direção da Empresa, alegando não haver um controle do número de pessoas que entram no mercado produtor para a venda de seus produtos, ao mesmo tempo reivindicam melhorias, no sentido de que os produtores possam trabalhar dignamente, porque todos precisam vender os seus produtos, portanto, acho uma injustiça não disporem de espaços físicos para a comercialização de nossas mercadorias”, reclamou o produtor

José Alves Gonçalves, da cidade de Boqueirão, que está sendo obrigado a expor o seu produto (pimentão) em carros e pedestres (rampa), exposta totalmente ao sol.

De acordo com as denúncias dos produtores que comercializam suas mercadorias na Empresa, às quartas e quintas-feiras, entre as 06h e 07h30, a situação fica muito mais complicada no mercado produtor, tendo em vista o grande fluxo de pessoas no local.

Os problemas na Empresa, afirmam os produtores, vêm se agravando há mais de dois anos, sem que providências sejam tomadas pela direção da Empresa.

Muitos comerciantes na área, falta de organização. Estes são os itens mencionados pelos produtores, segundo eles, que estão atrapalhando a comercialização dos produtos no mercado produtor da Empresa, contribuindo - quase que diariamente - para as confusões entre os comerciantes fixos e aqueles que comparecem semanalmente ou mensalmente para a venda de suas mercadorias.

O comerciante (fixo) Gilberto Souza Lima, lamenta o fato da Empresa

não dar condições aos produtores de comercializarem seus produtos no local. “Com a falta de espaços físicos estão prejudicados os comerciantes fixos e os que comparecem ao mercado produtor durante os dias da semana, tendo em vista que os primeiros não encontram espaços, sendo obrigados a exporem seus produtos em rampas e outras áreas”, disse.

A comercialização de mercadorias na ex-Ceasa que antigamente era totalmente livre, ficou prejudicada de três anos para cá, com a construção de alguns pontos comerciais e o cercamento dos bancos por parte de seus donos, segundo o produtor João Alves Rodrigues (Lagoa Seca).

Os produtores, atacadistas e comerciantes fixos da Empresa, enfrentam outros problemas. Eles citaram, o exemplo da escúria em grande parte do mercado produtor e o tráfego dos carros livremente nas rampas do mercado.

REIVINDICAÇÃO - Para melhorar a situação, os produtores da Empresa estão solicitando à direção da empresa, a construção imediata de um galpão, como forma de beneficiar todos, vez que ampliará a área de comercialização.

Construção de um galpão

direção da Empresa Paraibana de Abastecimento e Serviços Agrícolas disse não existir ninguém mais interessada do que ela, em resolver o problema dos produtores do mercado da Empresa - Regional de Campina Grande.

A chefe do Setor de Mercado, Maria de Fátima Moraes, informou ao JORNAL DA PARAIBA que a direção regional da Empresa, preocupada em reverter a situação dos produtores, encaminhou no dia 23 de agosto do ano passado, ofício de número 016/94, ao então governador Cícero Lucena, expondo a fraca qualidade dos serviços no mercado produtor, prestados pela falta de estrutura na unidade de abastecimento, nesta cidade, que está higienizando os produtos destinados ao abastecimento da população paraibana, ao mesmo tempo solicitando a construção de um galpão aberto de no mínimo 1000m², para que pudéssemos abrigar e oferecer melhores condições de comercialização e proporcionar uma melhoria na qualidade dos trabalhos a todos que se utilizam dos

nossos serviços.”

O ofício encaminhado ao então governador Cícero Lucena, pela direção regional da Empresa, faz ainda uma ressalva: diz existirem, de propriedade da empresa, estruturas premidiadas disponíveis e ociosas nos municípios de Desterro e Catalé do Rocha, as quais poderiam ser transferidas para a Empresa - Campina Grande, facilitando e barateando os custos destes serviços, e ao mesmo tempo solucionando problemas que - em há anos - afetando a vida dos usuários.

Segundo Fátima Moraes, recentemente a direção geral da Empresa esteve em Campina Grande, para uma visita, tendo assumido o compromisso verbal de levar - mas uma vez - o problema ao Governador, no sentido de que seja possível autorizar e agilizar recursos para a construção do galpão no mercado produtor, o mais rápido possível.

Semanalmente devem passar pela Empresa - regional de Campina Grande - um fluxo de cerca de 200 produtores e atacadistas.

Pequenos produtores brigam por espaço em Mercado

Centenas de pequenos produtores que comercializam na Empresa, em Campina Grande, ameaçam fazer um protesto em frente à empresa contra a venda de espaços no Mercado do produtor a intermediários, fato que vem provocando atritos entre os produtores. Ontem pela manhã uma comissão esteve na redação do DB para denunciar o que considera de um ataque aos pequenos produtores.

Segundo informou Nelson Anacléto, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca, com a venda dos espaços os pequenos produtores estão com

prejuízos, já que eles vêm de diversos municípios do Brejo e Curimatá. Além da venda dos espaços, foram colocados grades em toda a extensão do galpão, impedindo assim que os pequenos produtores tenham acesso ao galpão. Essa atitude tem causado prejuízos aos pequenos produtores, já que eles, caso queiram negociar, têm de vender seus produtos mais baratos ou então voltam para casa com toda a mercadoria”, afirmou Nelson Anacléto.

No último dia 22 aconteceu uma reunião com representantes de vários Sindicatos de Tra-

balhadores Rurais, na qual foi elaborado um documento onde os agricultores apresentam os problemas e pedem soluções imediatas para todos eles. Esse documento foi entregue ao Governador do estado, através da Empresa e da Secretaria da Agricultura e Abastecimento, dando um prazo de 30 dias para que seja apresentada uma solução para o impasse. “Caso isso aconteça os produtores vão fazer uma feira livre em frente à Empresa, em protesto à atual situação”, afirmou o líder dos trabalhadores.

A reportagem do DB procurou ouvir a direção

local da Empresa sobre o assunto, entretanto, a diretoria de comercialização, Fátima Moraes, afirmou que o problema está sendo resolvido pela direção geral em João Pessoa. “O fato já foi comunicado à Diretoria de Operações em João Pessoa que está encarregada de apresentar as soluções”, disse. De acordo com Fátima, a situação dos produtores é realmente difícil e existe a necessidade urgente de construção de um novo Mercado do Produtor para garantir espaço para todos. Segundo ela, os pequenos produtores são muito injustiçados

Produtores ameaçam mover ação contra o Governo

Os pequenos produtores que comercializam na Empasa, decidiram adiar o prazo para que o Governo do Estado solucione o impasse ora registrado no Mercado do Produtor de Campina Grande. Agora, o governador Antônio Mariz e o secretário de Agricultura, Martindes Gadelha, têm até o dia 20 para responder o documento entregue pelos produtores no início de janeiro passado. Passada essa data, caso não se tenha encontrado uma saída para o problema, a Frente Representativa dos Produtores junto à Empasa (União de Sindicatos Rurais) entrará com uma ação na Justiça contra o Governo do Estado.

Uma comissão de representantes de Sindicatos esteve visitando os núcleos de comunidades da cidade para comunicar o problema que está acontecendo no Mercado Produtor. Eles esperam, através da imprensa, pressionar o governador a solucionar o impasse. Conforme afirmou Nelson Anacleto, tesoureiro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca, os produtores desistiram de ocupar a Praça da Bandeira caso o problema não seja resolvido. Agora, eles pretendem fechar a Rua Dr. Vasconcelos, em frente à Empasa, onde promoverão uma feira livre para comercializar seus produtos, uma vez que seus espaços dentro do Mercado foram privatizados e ocupados por atravessadores.

Os trabalhadores pretendem fechar também os portões de acesso à Empasa e impedir que o público em protesto ao descaso do Governo e da própria direção da Empasa, que deixou a empresa em total abandono, entregue aos atravessadores. Os Sindicatos de vários municípios que atuam na Empasa em Campina

Grande denunciam omissão por parte da direção da Empasa e responsabilizam o Governo do Estado e a direção da empresa por qualquer coisa que venha a acontecer com os trabalhadores rurais.

De acordo com Nelson Anacleto, os espaços no Mercado do Produtor que deveriam ser ocupados pelos produtores foram comprados por atravessadores que colocaram cercas dividindo o galpão e impedindo os produtores de comercializarem seus produtos. Além disso, não há este seguro dentro da Empasa, o que vem facilitando a ocorrência de atritos diariamente entre produtores e atravessadores. Há uma expectativa de que a situação piora a partir de junho com a chegada da safra de batatinha, uma vez que os produtores do "Brega" vão para a Empasa tentar comercializar o produto, mas não terão oportunidade.

"Nós pretendemos lutar por nossos espaços e esperamos que o Governo do Estado resolva esse problema, caso contrário faremos uma feira paralela em frente à Empasa e também vamos entrar na Justiça contra o Governo para que tenhamos de volta nossos espaços", frisou Anacleto. Ele esteve na reunião da UBR, acompanhado de João Gomes Andrade e José Antônio Ferreira, presidente dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais de Boqueirão e Esperança, respectivamente, além do produtor Anur José Nogueira, produtor do município de Boqueirão. Na oportunidade, eles denunciaram que os produtores das cidades de Lagoa Seca e Alagoa Nova, estão definitivamente sem espaço para o comércio de seus produtos, os quais foram totalmente ocupados pelos atravessadores.

Produtores da Empasa decidem ocupar Praça da Bandeira

Em reunião realizada ontem pela manhã no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca, os pequenos agricultores que comercializam no Mercado do Produtor da Empasa, em Campina Grande, decidiram que vão fazer uma feira livre na Praça da Bandeira e diversos atos públicos em frente à empresa a partir do próximo dia 17, caso o Governo do Estado não apresente nenhuma resposta ao documento reivindicatório enviado pelos trabalhadores.

Os pequenos produtores reclamam da falta de espaço no Mercado e

enviaram um documento ao governador Antônio Mariz, pedindo providências para a solução do impasse. Conforme garantiu o secretário Marcondes Gadelha, da Pasta da Agricultura, o governador daria uma resposta aos trabalhadores após o carnaval. Como até ontem não haviam sido atendidos, os agricultores se reuniram e decidiram que vão protestar contra o abandono pelo qual passa o Mercado do Produtor de Campina Grande.

Conforme o secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campina Grande, José Pereira

Imião, que participou da reunião de ontem, na próxima terça-feira representantes dos Sindicatos estarão visitando os órgãos de imprensa da cidade para denunciar o descaso verificado no Mercado do Produtor.

Ele acrescentou que, se o Governo não apresentar uma resposta até o dia 17, os pequenos produtores vão protestar fazendo atos públicos na frente da Empasa e promovendo uma feira livre na Praça da Bandeira, no centro da cidade. Eles prometem ainda procurar um outro local para ficarem comercializando seus produtos.

Mercado dos atravessadores

Campina Grande lutou muito para ter aqui instalada uma das unidades das Centrais de Abastecimento e assim evitar a presença dos atravessadores e consequentemente o engrandecimento dos preços que prejudicam os produtores e muito mais os consumidores.

A cidade se uniu, formou um bloco político e no governo de Ernany Sátiro, viu construída a sua CEASA, no bairro do Alto Branco. Campina Grande, passou a ser uma das únicas cidades do interior do Brasil a ter o benefício e destacou-se na região. Para CEASA convergiram todas as atenções e sua filosofia de atuação passou a ser uma novidade logo absorvida e elogiada. Os produtores rurais ganharam um espaço para comercializar diretamente com os consumidores ou com operadores que com estes tinham contatos diretos. As vantagens iniciais foram elogiadas e por algum tempo o velho Sistema do Mercado Central, onde atuavam os "reis" da banana, da cebola, da batata e outros produtos foram abandonados, para satisfação dos que fazem suas compras semanais. Os vícios do passado foram esquecidos por alguns anos.

A CEASA depois de algum tempo, não era mais novidade, os espaços destinados aos pequenos produtores para a comercialização foram

paulatinamente ocupados pelos tubarões que estavam retraídos esperando só uma oportunidade para atacar. Tudo começou a ser modificado e até o conjunto arquitetônico, um dos motivos de orgulho para Campina Grande passou a ser agredido e às margens da Rua Dr. Vasconcelos, com a aquiescência do Poder Político começou a ser edificada uma favela que hoje é um dos monstros que enfleiam a "Rainha da Borborema".

A CEASA transformou-se em EMPASA, a filosofia mudou, os pequenos produtores perderam a vez, não há mais espaços para eles. Ali agora só operam os que fazem os preços subirem ou descerem a seu bel prazer. Os contatos diretos com os consumidores agora são impossíveis e isso tem motivado uma série de protestos. A autoridade a que está subordinada a EMPASA... já foi cientificada e há até a ameaça da transformação da Praça a Bandeira num mercado do produtor, pois a antiga CEASA, hoje é com todas as letras o mercado do "atravessador". Eles tomaram conta de um bem construído com o dinheiro público, estão usufruindo de tudo e fazendo uma grossa e criminosa exploração.

A população de Campina Grande, está sendo chamada a reagir.

Sindicatos rurais acionam Empasa em Curadorias

Representantes de seis Sindicatos de Trabalhadores Rurais e de três Associações de Produtores Agrícolas entraram ontem com uma representação nas Curadorias do Patrimônio Público e do Consumidor contra a Empresa - Empresa Paraíba de Abastecimento e Serviços Agrícolas. Eles protestam contra a ação de atravessadores e a construção de uma cerca na área do Mercado do Produtor, impedindo-os de comercializarem.

um documento já foi elaborado e enviado ao secretário de Agricultura do Estado. Marcondes Gadelha, solicitando que a cerca no Mercado do Produtor seja retirada e que sejam construídos galpões para aumentar o espaço físico destinado à comercialização. O secretário disse que ainda este ano vai construir os galpões. Quanto à cerca, nenhum decisão foi tomada até agora.

Os produtores rurais afirmam que a ação de atravessadora faz com que os preços dos produtos agrícolas continuem em alta, já que eles compram para revendedor. Pedro Pereira disse que se os produtos forem vendidos diretamente entre o produtor e o consumidor, os preços dos gêneros alimentícios terão uma queda considerável.

O Mercado do Procurador, como o próprio nome diz, foi construído na década de 70, quando da inauguração da extinta Ceasa. De lá para cá, o espaço vem sendo ocupado pelos atravessadores, deixando os produtores sem espaço para a venda direta ao consumidor e aumentando os preços de cereais, frutas e verduras. Para completar, a diretoria da Empresa autorizou a construção de uma cerca circulando o Mercado e fechando de vez a área destinada aos produtores.

Participam da representação, os sindicatos de Trabalhadores Rurais das cidades de Lagoa Seca, Esperança, Areal, Massaranduba, Boqueirão, Lagoa de Roça e Campina Grande, além das Associações de Produtores dos sítios Covão, Lagoa de Gravatá e Almeida. Eles esperam que as curadorias entrem brevemente com uma Ação Cível Pública contra a Empresa para que o problema seja solucionado.

Produtores rurais entram com Representação contra Empasa

A situação dos pequenos produtores rurais do Compartimento da Borborema (hortaliças e frutas), que desde o final do ano passado estão prejudicados com a colocação de cercas divisórias em espaços públicos (mercado produtor) na Empresa - Empresa Paraíba de Abastecimento e Serviços Agrícolas, ex-Ceasa, pode se agravar a qualquer momento caso o Governo do Estado não tome sérias providências. Ontem, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca, Lagoa de Roça, Alagoa Nova, Massaranduba, Boqueirão, Areal, Esperança e Campina Grande, Associações de Produtores Rurais do Sítio Almeida, Sítio Covão e Lagoa do Gravatá, entraram nas Curadorias do Consumidor e do Patrimônio Público com uma Representação contra a Empresa, que permitiu, segundo eles, a ocupação dos espaços antes destinados ao pequeno produtor.

Bastante revoltados, os produtores exigem do Secretário de Agricultura do Estado as medidas que se comprometeu a tomar, neste caso com a retirada das cercas ali instaladas há mais de cinco meses por "atravessadores" que estão ocupando todo o espaço público do galpão da Empresa. Segundo informaram os produtores Pedro Pereira da Silva e Moisés da Costa Lima, a categoria teme que a situação se agrave a qualquer momento, vez que os ânimos estão acirrados no local e o clima entre produtores e "atravessadores" é tenso. "Nós pagamos taxa de ocupação do espaço e não o utilizamos, além disso arcamos com mais 17 por cento referentes ao ICMS

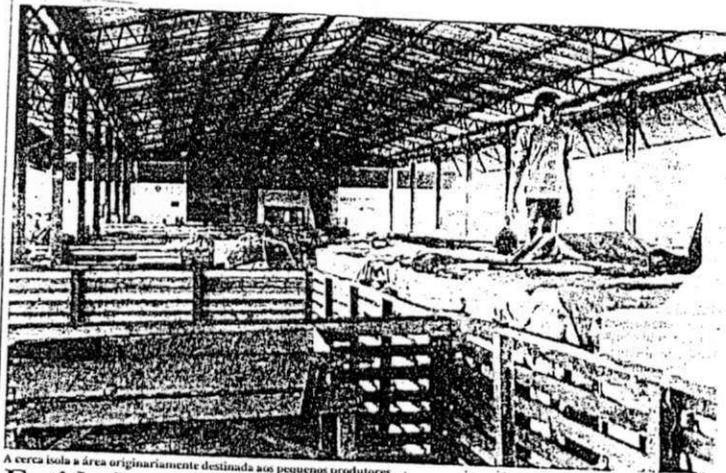
estadual para não termos um espaço para nossas mercadorias," destacaram. Eles denunciam que houve de fato uma privatização no setor, deixando os produtores sem espaço e acusam a direção da Empresa por ter feito uma negociação irregular que prejudicou toda a categoria.

O problema já foi levado ao Governo do Estado e à Secretaria Estadual de Agricultura, através de audiência mantida com as associações de produtores, onde houve um compromisso de solucionar o problema, entretanto, nenhuma providência foi tomada. Conforme expõem os produtores, a categoria teme que o problema se agrave, tendo em vista que no mês de junho, quando acontece a safra da batatinha, vários são os produtores dos municípios de Lagoa Seca, Esperança, Remígio e Montadas que trazem os produtos para aquele setor e não terão onde colocá-los.

Eles solicitam ainda que, além da retirada das cercas, seja providenciada a construção de um novo galpão, entretanto, que haja um policiamento no sentido de que de fato o local seja destinado para os produtores.

ASSEMBLÉIA - No próximo dia 06, os pequenos produtores rurais estarão realizando, na própria Empresa, uma assembléia com a categoria que inclusive está disposta a iniciar o processo de mobilização, ou seja através de ato público e feira em frente à Empresa, boicotando assim o pedágio pago pelo espaço que não é utilizado.

Diário da Paraíba - 15.03.1995.



A cerca isola a área originariamente destinada aos pequenos produtores

Entidades recorrem à Curadoria contra Empasa

A Associação dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca, Lagoa de Roça, Alagoa Nova, Massaranduba, Campina Grande, Areal, Esperança e Boqueirão e a Associação dos Produtores Rurais do Sítio Almeida, Sítio Covão e Lagoa do Gravatá, entraram com uma

Representação, ontem, nas Curadorias do Consumidor e Patrimônio Público contra a Empresa Paraíba de Abastecimento e Serviços Agrícolas (Empasa) que permitiu, segundo os

representantes dessas entidades, a ocupação dos espaços destinados aos pequenos produtores (mercado produtor) pelos atravessadores, há mais de cinco meses, inclusive com a construção de uma cerca isolando totalmente o local. (Página 3-1)

Correio - 25.03.1996

Sindicatos fazem representação contra Empasa

Os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca, Lagoa de Roça, Alagoa Nova, Massaranduba, Boqueirão, Areal, Esperança e Campina Grande, e as Associações de Produtores Rurais dos Sítios Almeida, Covão e Lagoa do Gravatá, deram entrada ontem a uma representação contra a Empasa (Empresa Paraibana de Abastecimento S/A), nas Curadorias de Defesa do Consumidor e do Patrimônio Público.

A Empasa é responsável pela administração do Mercado do Produtor, a antiga Ceasa de Campina Grande, cuja representação, que foi subscrita por 9 pessoas, os Sindicatos e Associações que-rem de volta o acesso dos pequenos produtores àquele mercado.

Na representação, os sindicalistas pedem a remoção das grades divisorias que existem dentro do galpão da antiga Ceasa, que se constitui o principal empecilho à comercialização dos produtos agrícolas (hortifrutigranjeiros). Os agricultores, requereram às Curadorias do Consumidor e do Patrimônio Público, a convocação dos dirigentes da Empasa.

No documento apresentado às Curadorias, as entidades de produtores rurais lembram, que, seu espaço no Mercado do Produtor foi conquistado após um movimento que envolveu sindicatos, associações e a classe política, ainda na década de 70.

Salientam, que, nessa luta contra os chamados "atravessadores", os pequenos produtores foram, finalmente beneficiados com a construção da Ceasa, dotada de um galpão gigantesco, onde o pequeno produtor podia confortavelmente vender seus produtos diretamente dos sítios para os consumidores. Entre esses produtos, figuram a batata, a laranja e a banana.

Produtores realizam assembleia na Empasa e discutem os problemas

Produtores da Empasa decidem fazer feira paralela ao lado da empresa

Dezenas de produtores rurais se reuniram na manhã de ontem no interior da Empasa (antiga Ceasa), onde protestaram contra os chamados atravessadores, que segundo eles vêm atrapalhando as vendas e deixando sem espaço para a comercialização dos seus produtos que com muito sacrifício produzem e trazem para aquele mercado.

O movimento foi encabeçado por Nelson Anacleto do Sindicato dos

Produtores Rurais de Lagoa Seca, que informou serem a falta de espaço e os encaminhamentos que o Governo do Estado vem dando ao problema que não os satisfaz.

Ontem os produtores tiraram um indicativo de formação de uma feira paralela em frente a Empasa, se possível impedindo o trânsito no local, se o problema não for resolvido brevemente.

Os atravessadores são pessoas que vêm de vários

lugares com produção de frutas, verduras e legumes e não dão margem para os produtores rurais da região também comercializar seus produtos.

Eles conversaram ontem mesmo com o diretor regional da Empresa em Campina Grande, Valdomiro Francisco Xavier e hoje terão uma reunião nas curadorias do Consumidor e Patrimônio Público, com a presença de sindicalistas e a direção da Empresa.

O assessor da presidência da Empasa, Geraldo Formiga, esteve ontem em Campina Grande, na ocasião tomou conhecimento do fato e informou que a presidência do órgão já tem posição sobre o assunto no sentido de resolvê-lo no menor espaço de tempo possível. Será iniciado hoje o processo de licitação para construção do galpão solicitado pelos produtores rurais e dentro de no máximo 60 a 70 dias a obra

Direção da Empasa e produtores rurais se reúnem em audiência

"A Empasa já foi do pequeno produtor rural, mas hoje os 'atravessadores' ocupam todo o espaço naquele mercado produtor e só nos resta vender as mercadorias para outras cidades". O desabafo foi feito na manhã de ontem pelos produtores rurais do Compartimento da Borborema, durante assembleia realizada na própria Empasa-Empresa Paraibana de Abastecimento e Serviços Agrícolas, ex-Ceasa, que protestam contra a colocação de cercas divisorias em espaços públicos, desde o ano passado, prejudicando toda a categoria.

O polêmico assunto será discutido às 9 horas de hoje, no prédio das Curadorias, quando estarão reunidos em audiência representantes de todos

os setores envolvidos, para que desta forma possam decidir o impasse criado. Durante a assembleia de ontem, os produtores rurais discutiram os encaminhamentos que vêm sendo tomados pelo Governo do Estado no sentido de construir novos galpões, entretanto, a categoria acredita que a medida não solucionará o problema. A decisão tirada em assembleia foi de realizar uma feira paralela em frente à Empasa a partir de maio, caso as cercas não sejam retiradas até lá.

Segundo informou Nelson Anacleto Pereira, do Sindicato dos Produtores Rurais de Lagoa Seca, a categoria está bastante revoltada, uma vez que exige do Secretário de Agricultura do Estado as medidas que se comprometeu a tomar, neste caso

com a retirada das cercas ali instaladas há mais de cinco meses por 'atravessadores'.

A audiência que será realizada hoje é resultado de uma representação contra a Empasa que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca, Lagoa de Roça, Alagoa Nova, Massaranduba, Boqueirão, Areal, Esperança e Campina Grande e Associações de Produtores Rurais do Sítio Almeida, Sítio Covão e Lagoa do Gravatá, entraram nas Curadorias do Consumidor e do Patrimônio Público, vez que, segundo os representantes das entidades, a direção da empresa foi quem permitiu a ocupação dos espaços anteriormente destinados a cerca de mil pequenos produtores, que agora sentem-se prejudicados.

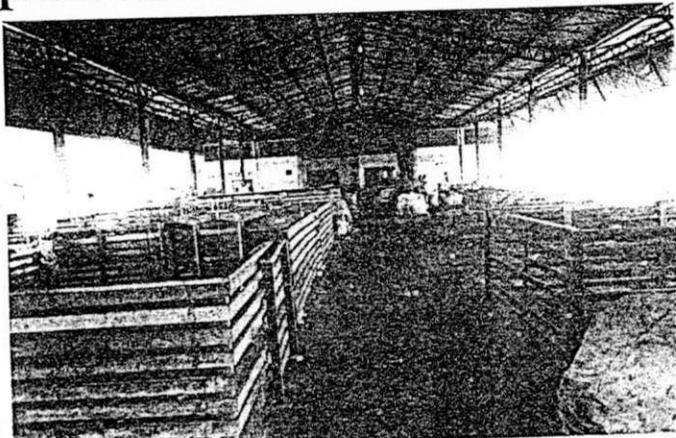
Produtores ameaçam agir com violência caso a Empasa não construa novo galpão

Os pequenos produtores rurais do Compartimento da Borborema (hortaliças e frutas) foram enfáticos durante a audiência realizada na manhã de ontem, junto ao promotor Noel Crisóstomo, curador do Consumidor, e direção da Empresa - Empresa Paraibana de Abastecimento e Serviços Agrícolas, ex- Ceasa, advertindo que se num prazo de 60 dias (conforme ficou estabelecido em audiência) a empresa não tiver construído um galpão unicamente destinado à categoria, ou se não houver um espaço próprio, os produtores apelarão para a violência, objetivando garantir um espaço para comercializar seus produtos.

Os produtores temem que o impasse criado com os comerciantes que colocaram cercas divisórias em espaços públicos permaneça, vez que a partir do mês de junho está previsto o despontar da safra de batatinha e os produtores não terão onde estocá-la, principalmente porque se trata de produto perecível e neste caso poderá haver grande prejuízo para a categoria.

Durante a audiência, os representantes da Empasa garantiram que num prazo de 60 dias um galpão será construído (ao lado do já existente) medindo aproximadamente 800 metros quadrados. Para evitar novos transtornos quanto a sua ocupação, a direção da Empasa estará aplicando critérios para o seu funcionamento que será unicamente destinado ao pequeno produtor.

CADASTRAMENTO - A partir de hoje, a Empasa dará início ao processo de cadastramento de todos os produtores que comercializam naquele mercado, visando desta forma ter um controle para evitar a utilização do



O impasse prende-se ao cercamento da área por parte dos atravessadores espaço por parte dos comerciantes ou 'atravessadores'. Os pequenos produtores rurais não se mostraram favoráveis à construção do galpão, pois não acreditam que se destinará unicamente à categoria e temem ocupação, preferindo desta forma que a Curadoria dê uma solução ao problema. Por sua vez, o curador Noel Crisóstomo, de posse de toda documentação da Empasa (lei de criação da empresa e regimento interno), nomeou uma comissão para apurar 'in loco' toda a situação na ex-Ceasa, fazendo um levantamento do problema, para que então a questão seja solucionada amigavelmente. Segundo o curador, aquele espaço público deve ser priorizado ao pequeno produtor que vem sendo prejudicado desde o ano passado. Estiveram participando da audiência de ontem, represen-

tantes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca, Lagoa de Roça, Alagoa Nova, Massaranduba, Boqueirão, Aerial, Esperança e Campina Grande e Associações de Produtores Rurais do Sítio Almeida, Sítio Covão e Lagoa do Gravatá. Segundo informações prestadas por membros do Sindicato dos Produtores Rurais de Lagoa Seca, a categoria está bastante revoltada, uma vez que exigiu do Secretário de Agricultura do Estado as medidas que se comprometeu a tomar, neste caso com a retirada das cercas ali instaladas há mais de cinco meses por 'atravessadores'. "Nós pagamos taxa de ocupação do espaço e não o utilizamos, além disso arcamos com mais 17 por cento referente ao ICMS estadual, para não termos um espaço para nossas mercadorias," destacaram.

Situação dos produtores rurais ainda indefinida

Os pequenos produtores rurais do Compartimento da Borborema (hortaliças e frutas) aguardam que uma nova audiência seja definida pela curadoria do Consumidor, para que a categoria e direção da Empresa - Empresa Paraibana de Abastecimento e Serviços Agrícolas, ex- Ceasa, possam voltar a discutir a problemática vivenciada pelos pequenos produtores, que se dizem prejudicados com a colocação de cercas.

Na última audiência realizada, mês de março, os agricultores advertiram que se num prazo de 60 dias (conforme ficou estabelecido em audiência) a empresa não tiver construído um galpão unicamente destinado à categoria, os produtores apelarão para a violência, objetivando garantir um espaço para comercializar seus produtos.

Os produtores temem que o impasse criado com os comerciantes que colocaram cercas divisórias em espaços públicos permaneça, vez que, a partir deste mês, está previsto o despontar da safra de batatinha e os produtores não terão onde estocá-la, principalmente porque se trata de produto perecível e neste caso poderá haver grande prejuízo para a categoria.

Durante a audiência, os representantes da Empasa garantiram que num prazo de 60 dias um galpão seria construído (ao lado do já existente) medindo aproximadamente 800 metros quadrados. Para evitar novos transtornos quanto a sua ocupação, a direção da Empasa estará aplicando critérios para o seu funcionamento que será

unicamente destinado ao pequeno produtor.

CADASTRAMENTO - A Empasa também deu início ao processo de cadastramento de todos os produtores que comercializam naquele mercado, visando desta forma ter um controle para evitar a utilização do espaço por parte dos comerciantes ou 'atravessadores'. Apesar da providência, os pequenos produtores rurais não se mostraram favoráveis quanto à construção do galpão, pois não acreditam que se destinará unicamente à categoria e temem ocupação, preferindo desta forma que a Curadoria dê uma solução ao impasse.

Quando na última audiência, o curador Noel Crisóstomo, de posse de toda documentação da Empasa (lei de criação da empresa e regimento interno), nomeou uma comissão para observar "in loco" a situação dos pequenos produtores.

Os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca, Lagoa de Roça, Alagoa Nova, Massaranduba, Boqueirão, Aerial, Esperança e Campina Grande; Associações de Produtores Rurais do Sítio Almeida, Sítio Covão e Lagoa do Gravatá, estão aguardando uma posição das Curadorias do Consumidor e do Patrimônio Público, vez que as entidades entraram há bastante tempo com uma representação contra a Empasa. "Nós pagamos taxa de ocupação do espaço e não o utilizamos, além disso arcamos com mais 17 por cento referente ao ICMS estadual para não termos um espaço para nossas mercadorias", destacou o produtor Pedro Pereira, explicando a situação.



O secretário Marcondes Gadelha, da Agricultura, visitou ontem a área destinada aos pequenos produtores

Empasa inaugura Mercado Produtor na próxima semana

O Mercado do Produtor da Empasa em Campina Grande já está praticamente concluído. A sua inauguração está programada para os próximos dias 11 ou 12. A informação é do secretário da Agricultura do Estado, Marcondes Gadelha, que esteve ontem nesta cidade para uma discussão com os comerciantes instalados no local.

A promessa foi cumprida, segundo Gadelha. O espaço é amplo, democrático e vai dar condições e oportunidade para o pequeno produtor exercer seus direitos de comercialização e fugir, assim, de certas formas da concorrência, às vezes prejudiciais aos produtores. "Tenho certeza que daqui para a frente ninguém vai reclamar quanto ao espaço para o produtor, porque esse é um espaço digno, nobre. São 2.100m² que já estão prontos para serem ocupados, os quais vão dar uma nova dinâmica à ex-Ceasa em Campina Grande. Isso é apenas o começo. Nós temos muito mais planos".

O secretário da Agricultura do Estado veio, especialmente, ontem, a Campina Grande diminuir um conflito interno registrado na Empasa, entre os ambulantes (pessoal que cuida da comercialização informal), principalmente de gêneros alimentícios, e os comerciantes estabelecidos. Ele considerou o encontro de muito proveitoso.

As alegações dos comerciantes fixos da Empasa em relação à concorrência desleal no local, são consideradas de justas pelo secretário Marcondes Gadelha.

Mas ele lembra existir, por outra parte, o direito universal à iniciativa econômica; o direito de comercializar garantido pela Constituição; e nos termos que encontrar uma forma de convivência.

A visita de Gadelha à Empasa foi uma recomendação do governador José Maranhão. O resultado foi bastante positivo - avalia o Secretário. Existe muita boa vontade, muita disposição de colaborar, de chegarmos a um entendimento. A secretaria já alinhava algumas ideias. Pedimos, apenas, uma trégua de 10 dias para podermos implementar essas ideias e, temos a esperança de que isso venha a

satisfazer razoavelmente todas as partes".
Desde as ideias já alinhadas pela Secretaria da Agricultura para resolver o impasse criado dentro da Empasa, está a sugestão de se estabelecer limites físicos, numéricos, cadastrar as pessoas que estão na economia informal, dando algum tipo de identificação, seja por carteira, seja por documento, pela indumentária, seja de que forma for.

A designação de uma área para esse tipo de comercialização (dentro da Empasa), não permitir a venda indiscriminada de qualquer produto, estabelecer critérios para outros - eventualmente - que possam trabalhar na empresa são também algumas das ideias que estão sendo amadurecidas pela Secretaria da Agricultura do Estado.

O secretário Gadelha promete que vai "agir duro" com as pessoas que comercializam na Empasa. "Vamos fazer exigências ao que estão aplicados à economia informal, para que não fique um desequilíbrio muito grande entre os que pagam e os que não pagam impostos".

A nova área (2.100m²) construída na Empasa vai agregar cerca 700 produtores, um número, no opinião de Gadelha, bastante expressivo. Atualmente a empresa tem na área uma néquia de 200 produtores.

Para construir o novo paião da Empasa a Secretaria da Agricultura do Estado investiu recursos da ordem de R\$ 100 mil.

Outros serviços estão sendo implantados na empresa, a exemplo da reforma elétrica (iluminação toda) e hidráulica, recuperação dos banheiros públicos, entre outros. "Hoje eu posso garantir que a Ceasa é um lugar limpo, seguro e de convivência harmoniosa".

Preocupado em resolver todos os problemas advindos da Empasa, Gadelha diz que a ideia de comercialização em Campina Grande é um fato que muito lhe empolgou. "Porque eu acho que Campina é uma cidade vocacionada para a comercialização, então eu quero fazer, aqui, um grande centro de comercialização, com capacidade de radiação para toda a parte e articulada

com as outras centrais de abastecimento, com as bolsas de mercadorias de São Paulo e de outras cidades - Campina Grande tem uma Bolsa de Mercadorias muito boa, articulada com a Associação Parahibana do Agrarismo, recentemente fundada. Então eu quero que isso aqui seja um grande ponto de radiação e eu posso dizer que o ponto maior de interesse da secretaria é a comercialização, e muito especificamente a Ceasa".

Ainda este ano a Secretaria da Agricultura do Estado realizará a grande Exposição Agropecuária de Campina Grande, em conjunto com a Sociedade dos Criadores. "Estamos preparando um centro de comercialização de caprinos para Campina Grande e, estamos com a ideia de implantar berçários para o desenvolvimento de pós-larvas aqui nesta região, aproveitando a existência de uma Estação de Piscicultura da Prefeitura Municipal de Campina Grande".

Sindicato - O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca não aceita que os vendedores ambulantes sejam retirados da Empasa de forma brusca. O presidente da entidade, Nelson Anacleto, concorda que haja um disciplinamento do pessoal ligado à economia informal.

Anacleto que esteve participando do reunião, ontem, com o secretário da Agricultura do Estado, Marcondes Gadelha, sugere que seja criado na área da Empasa um espaço alternativo para os vendedores ambulantes, principalmente o pessoal que vende lanches e cafezinhos.

Em relação aos vendedores ambulantes do ramo de confecção e importados, o sindicalista lembra ser necessário o disciplinamento e um controle desse tipo de comércio no local, para que possa haver um reordenamento no setor, e assim evitar qualquer atropelo no comércio dos pequenos produtores.

Durante a reunião com o secretário Gadelha, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca sugeriu a criação de um Conselho com a participação de representantes da Empasa, sindicatos, Associação dos Usuários, entre vários outros segmentos.

Atravessadores se valem da política para bagunçar os negócios na Empasa

(Campina Grande)

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

Um mercado de milhões de reais

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.



Os atravessadores não querem deixar os pequenos produtores

Os atravessadores não querem deixar os pequenos produtores. A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

O império dos grandes

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.



Valdomiro Xavier, presidente

Valdomiro Xavier, presidente. A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

Um mercado de milhões de reais

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.

A unidade que habita no município de Campina Grande, Campina Grande e produtores de mercadorias estabelecidos no local, tem sido alvo de ataques por parte de atravessadores que se aproveitam da política para bagunçar os negócios na Empasa.